

INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO

2011/2012



TII

**A CHINA: O IMPACTO DA TRANSFORMAÇÃO ACELERADA NO
EQUILÍBRIO ESTRATÉGICO**

DOCUMENTO DE TRABALHO

O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSISTINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS NEM DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Paulo Alexandre da Silva e Costa

Capitão-Tenente



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**A CHINA: O IMPACTO DA TRANSFORMAÇÃO
ACCELERADA NO EQUILÍBRIO ESTRATÉGICO**

Paulo Alexandre da Silva e Costa
Capitão-Tenente

Trabalho de Investigação Individual do CEMC 2011/2012

Lisboa, 2012



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

**A CHINA: O IMPACTO DA TRANSFORMAÇÃO
ACCELERADA NO EQUILÍBRIO ESTRATÉGICO**

Paulo Alexandre da Silva e Costa

Capitão-Tenente

Trabalho de Investigação Individual do CEMC 2011/2012

Orientador: Major Eng. Mat. Viegas Saúde

Lisboa, 2012



Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer de coração ao meu filho Rúben de cinco anos, com quem vivo sozinho desde os seus dois anos. Sei que ainda demorará a perceberes todo o apoio que me deste, mas mesmo sem o perceberes agora muito te agradeço, pelo amor e compreensão que sempre mostraste, pelas vezes que aceitaste com um sorriso verdadeiro, alegria, amor, sinceridade e compreensão, as inúmeras vezes, que tal como citaste “papá estás sempre a estudar, vais ficar muito esperto, não te preocupes comigo que eu estou bem e o Rúben fica bem e amo-te muito na mesma”.

Aos meus pais pelo apoio essencial, compensando as minhas ausências garantindo o apoio, equilíbrio e estabilidade do meu filho.

E ao meu Orientador, Major Viegas Saúde, pelo apoio, paciência, e as pertinentes correções e sugestões de conteúdo e forma, que muito me ajudaram e contribuíram significativamente para o produto final do presente trabalho.

Ao Tenente-Coronel Carriço, pela forma como e recebeu e me ajudou a perceber a problemática de estudo, e a perceber a abrangência e importância atual da República Popular da China.

Ao meu camarada e amigo Neto, pelo constante apoio e incentivo em mais um obstáculo.

Por último a todos os meus amigos e camaradas que comigo têm vindo atravessar esta difícil “jornada”, pelo apoio, amizade e sua camaradagem.



Índice

Agradecimentos	II
Resumo	V
<i>Abstract</i>	VI
Palavras-chave	VII
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	VIII
Introdução	1
Justificação e importância da investigação	4
Objeto de estudo e sua delimitação	5
Metodologia	5
1. Fatores Geostratégicos e Fatores de Poder	7
a. Relações com a conceção de Poder	7
b. Teorização do Poder	8
c. Enquadramento geopolítico e geoestratégico	8
d. Fatores Físicos e Humanos	10
e. A RPC e o Sistema Internacional	12
2. Poder Económico e Tecnológico	18
3. Poder Militar	27
a. Motivações à Modernização	27
b. Estratégia de Modernização Militar	30
c. Evolução das Capacidades Militares da RPC	30
4. Poder Político e Cultural	34
5. Projeção de Cenários Estratégicos	40
a. Cenário 1 – Estagnação	41
b. Cenário 2 – Manutenção do status quo	42
c. Cenário 3 – Desafio do status quo	44
Conclusões	46
Bibliografia	48
Anexo A – Linha de Orientação Metodológica	A-1
Anexo B – Recursos	B-1
Anexo C – Definições e Conceitos	C-1
Anexo D – OMC	D-1
Anexo E – Perspetiva Sobre o Recente Registo de Venda de Armas à China	E-1



Índice de Quadros e Ilustrações

Fig. 1 - Teoria do <i>Heartland</i>	9
Fig. 2 - Mapa da China	11
Fig. 3 - PIB Mundial 2010.....	14
Fig. 4 - Projeções para 2050 do PIB mundial.....	14
Fig. 5 - PIB Mundial em 2000.....	20
Fig. 6 - Estimativa do PIB Mundial para 2040.....	20
Fig. 7 - Áreas de disputa territorial da RPC	28
Fig. 8 - Espaço Estratégico da RPC - <i>Choke points</i> das Importações da RPC.....	29
Fig. 9 - Perfil de consumo de recursos da RPC em 2008	B-1
Fig. 10 - Relação entre produção e o consumo de Gás Natural da RPC 1999-2009.....	B-2
Fig. 11 - Relação entre produção e consumo de petróleo da RPC	B-2
Tabela 1 – Panorama Global do Crescimento do PIB.....	24
Tabela 2 - Evolução das Despesas militares da RPC.....	31
Tabela 3 - Produção mundial de minérios e metais.....	B-1



Resumo

A República Popular da China (RPC) é um país milenar com vasta história, muitas vezes considerada como uma potência adormecida. Tem um vasto território, a maior população mundial e recursos que lhe permitem aspirar uma posição de maior relevo a nível mundial. Atualmente a RPC vive uma significativa situação de prosperidade e crescimento acentuado. A génese está associada as reformas internas implementadas por Deng Xiaoping, e sua entrada em Organizações Internacionais com a Organização Mundial do Comércio (OMC), permitindo-lhe “globalizar” a sua economia e manter níveis de crescimento contantes acima dos 8%.

O seu Poder Económico atual é tão significativo, que não faltando projeções e estimativas que o colocam nos próximos 20 anos como detentor de mais de 40% do produto interno bruto mundial. Enquanto que a maioria dos países mundiais se foram sobre endividando, a RPC criou reservas avultadas de dólares nos seus cofres, e adquiriu uma significativa quantidade de dívida pública americana. Embora lhe tenha causado uma relação de interdependência relativamente à economia dos Estados Unidos, também lhe permite a capacidade de financiar a economia mundial, e em particular a americana, aumentando assim a sua dívida ao exterior dos EUA, mas também o escoamento das suas exportações e a manutenção dos seus níveis de crescimento.

O seu Poder Militar “vive” atualmente um processo de modernização e reestruturação, sustentado no forte investimento constante na ordem dos 2% do seu PIB, mesmo com o embargo de venda de armas à RPC devido a problemas relacionados com os direitos Humanos. Este pilar de poder junto com o Político tem sido orientados para apoiar os seus objetivos económicos.

Atualmente a potência hegemónica mundial são os EUA, mas ao longo da história já muitas potências ocuparam esse lugar, muito se tem especulado relativamente a uma eventual intenção da RPC alterar o *status quo* atual. Muitos cenários têm sido avançados abrangendo os extremos do espectro do conflito, contrastando com a constante mensagem passada pelas autoridades chinesa, que afirma que a sua ascensão será pacífica e harmoniosa.

Difícilmente a RPC teria capacidade de desafiar os EUA com *hard power* em virtude do poder militar que detêm, além do perigo que poderia representar dentro do seu enquadramento geoestratégico entre potências como a Rússia, China e Japão, no entanto fica sempre uma dúvida no ar, será que não o está gradualmente a fazer com o seu *soft power*?



Abstract

The People's Republic of China (PRC) is an ancient country with rich history, several times related as power asleep. It has a vast territory, the world's largest population and resources that allow you to aspire to a more prominent position in the world.

Currently, the PRC is experiencing a period of prosperity and rapid growth, which had its genesis in internal reforms implemented by Deng Xiaoping at its entry into international organizations with the World Trade Organization, allowing him to “globalization” of its economy and maintains levels of growth constants above 8%.

Your Economic Power is so significant, not missing projections and estimates that put you in the next 20 years as a holder of more than 40% of world gross domestic product. While most countries worldwide have been borrowing on the PRC has established reserves sums of dollars, and acquired a significant amount of U.S. public debt.

Although it has caused a relationship of interdependence on the U.S. economy also provides funding to the world economy, particularly the U.S., increasing its debt to foreign but also ensuring the flow of exports and growth levels.

Your Military Power is currently living a process of modernization and restructuring, the result of strong investment constant at 2% even with the embargo on arms sales to the PRC because of problems related to human rights. This pillar of power along with the Political has been oriented to support their economic goals.

With new powers, PRC can also suck more prominent positions. Currently the hegemonic power is the U.S., but throughout history many powers already occupied this place, much has been speculated about a possible intention of the RPC change the status quo. Many scenarios have been developed covering the extremes of the spectrum of conflict, contrasting with the constant message passed by the Chinese authorities, who assert that their rise will be peaceful and harmonious.

Hardly the PRC would be able to challenge the U.S. hard power with military power by virtue of holding, and the danger they could pose within its geostrategic framework of powers such as Russia, China and Japan, however it is always a doubt in the air, does not is gradually making its soft power?



Palavras-chave

Ameaça

Ascensão pacífica

Crescimento Económico

Demografia

Descentralização Económica

Direitos Humanos

Economia Capitalista

Financiamento

Globalização

Hard Power

Investimento externo

Poder

Poder Económico

Poder Militar

Poder Político

Potência

Potência regional

Regime Comunista

Riqueza

Soft Power

Status Quo



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

A

APEC	<i>Asian Pacific Economic Cooperation Forum</i>
ASEAN	Associação de Nações do Sudoeste Asiático

B

BM	Banco Mundial
BRIC	Brasil, Rússia, Índia, China

C

CEI	Comunidade dos Estado Independente
CI	Comunidade Internacional

E

EPL	Exército Popular de Libertação
EUA	Estados Unidos da América

F

FFAA	Forças Armadas
FMI	Fundo Monetário Internacional

I

IDN	Instituto de Defesa Nacional
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares

O

OI	Organizações Internacionais
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organizações Não-governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas

P



PIB	Produto Interno Bruto
PCC	Partido Comunista Chinês
R	
RMA	<i>Revolution in Military Affairs</i>
RPC	República Popular da China
RU	Reino Unido
S	
SCO	<i>Shanghai Cooperation Organization</i>
SI	Sistema Internacional
SWOT	Strengths, Weaknesses, Opportunities, Treats
T	
TII	Trabalho de Investigação Individual
U	
UE	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



“Quando a China despertar, o mundo tremerá.”

Napoleão Bonaparte

Introdução

A realização deste Trabalho de Investigação Individual (TII) enquadra-se no Curso de Estado-Maior Conjunto 2011/2012, analisa a República Popular da China (RPC), potência regional de longa data, que tem registando um crescimento considerável a todos os níveis e os seus reflexos no equilíbrio estratégico mundial e na “balança” de poderes entre as nações.

A história tem sido fértil em reconhecer nações como potências dominantes, mas também em gerar potências emergentes, que fruto da insatisfação de sua “posição” no “xadrez mundial” tendem a tentar quebrar o *status quo* existente para satisfazer a aspiração de ocupar uma posição mais favorável. Foi assim no caso do Império Romano, o Império Otomano, Portugal, a Espanha, do Reino Unido (RU), da Holanda, do Império dos Habsburgo, da França de Napoleão, entre outros, até à agora potência global, os EUA (Zhu, 2005).

A RPC é um país emergente BRIC¹ em clara ascensão a todos os níveis. Nação milenar com uma cultura que nos faz recuar ao longínquo tempo de Sun Tzu². Mas a sua história nem sempre foi repleta de sucessos e glórias, tendo mesmo atravessando períodos de instabilidade e divisão política, de tal modo que, o Estado Chinês tinha reduzida ou nenhuma importância, no início do século XX em relação aos poderes vigentes.

Participou na II Guerra Mundial (GM), combateu do lado dos aliados, contribuindo para derrotar o Japão no Pacífico, foi membro fundador das Nações Unidas (NU), desde 1945, e é um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança³. Em 1949 dá-se a guerra civil chinesa e o início de uma longa caminhada, que lhe permitiu ultrapassar a crise profunda em que se encontrava mergulhada, e atingir um atual estado de prosperidade e considerável poder económico, reconhecido internacionalmente.

Como consequência é estabelecido no poder o governo comunista. Participa na Guerra da Coreia⁴, foi um dos dinamizadores da conferência de Bandung⁵ e teve forte

¹ Brasil, Rússia, Índia e China.

² Sun Tzu nasceu 544 a.C.

³ EUA, Rússia, Reino Unido, França e RPC.

⁴ Ocorreu entre 1950-53.

⁵ Conferência de Bandung (18 a 24 de Abril de 1955) para promover a cooperação económica e cultural afro-asiática. Oposição ao colonialismo ou neocolonialismo, dos EUA, da União Soviética ou de outros Estados considerados imperialistas. Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/51624/Bandung-Conference>



influência e interesses no continente Africano, iniciou o seu programa espacial em 1950 e realizou o seu primeiro ensaio nuclear em 1964, desequilibrando a balança de poderes da guerra fria em 1971, quando se aproxima dos EUA.

Após várias convulsões sociais, emerge o seu líder carismático *Mao Tsé Tung*, que aplica de forma implacável os seus ideais, centrando o seu controlo e equilíbrio do país nas ideias e princípios comunistas sustentados com rigor e “mão-de-ferro”. A RPC volta a ter “voz” e protagonismo na cena mundial, embora continue com elevados problemas no plano interno. Se considerarmos a sua dimensão demográfica e territorial, e a relacionarmos com o seu estatuto económico e militar, podemos considerar que tal ainda continua aquém do desejável.

Os seus principais objetivos no pós-II GM centraram-se na reunificação dos territórios perdidos nesse conflito, que na realidade têm vindo a ser gradualmente recuperados. Exemplos disso são as mudanças de soberania e integração no seu território de Hong-Kong (do RU), de Macau (de Portugal), subsistindo no entanto a questão de *Taiwan*⁶.

Nos anos 70 do século XX, são implementadas reformas na governação de Deng Xiaoping, atingindo a RPC taxas de crescimento anuais médias de 9%. A RPC é atualmente referenciada por inúmeros autores como a potência que irá, a curto/médio prazo, igualar o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos da América (EUA), reunindo condições para o ultrapassar e eventualmente substituir mesmo os EUA na atual posição que ocupa como potência dominante (Rapkin & Thompson, 2003, p. 327).

Já as previsões do banco *Goldman Sachs* relativamente ao sistema mundial em que vivemos, orientam para uma tendência para a multipolaridade, e apesar da atual hegemonia dos EUA, aponta para que no ano 2025 as economias dos países conhecidos como BRIC representem mais de metade da economia do G6⁷ (Bandeira, 2009, p. 99).

As suas características geográficas, demográficas e o seu crescimento económico, associados a uma economia de mercado, contrastam com o seu regime comunista. O facto de ser um país com capacidade nuclear confere-lhe também sem qualquer dúvida um papel e uma importância acentuada na contemporaneidade. Mas também é difícil não encontrar alusões a uma eventual “ameaça chinesa”, seja pelas suas exportações, pela deslocalização de empresas ou níveis de produção mundial em busca de políticas laborais e mão-de-obra

⁶ Parceiro estratégico dos EUA, mantém intenção de continuar Próspero e Independente, mesmo com a fórmula avançada por Pequim, um país dois sistemas (comunista e Taiwan capitalista).

⁷ EUA, Japão, Reino Unido, França, Alemanha e Itália.



muito barata mesmo que tal implique desemprego generalizado. Representam preços finais de mercado inacessíveis para empresas que competem com os homólogos chineses nos mercados globais, assim como também conferem condições privilegiadas a investimentos externos no seu país. Em termos energéticos tem estabelecido parcerias com países alvos de sanções impostas por países ocidentais, desafiando quer a posição do Fundo Monetário Internacional (FMI) quer do Banco Mundial (BM). Paralelamente subsistem conflitos relacionados com Taiwan e o desrespeito do regime chinês pelos direitos humanos.

Em termos demográficos a RPC representa cerca de 1/5 da população mundial⁸ sendo o país mais populoso do mundo e tem também mantido uma política de disseminação da sua população a nível internacional, como forma de apoiar a sua estratégia económica num mundo globalizado. Mas à sua elevada população estão também associados problemas internos, derivados das diferenças sociais, desequilíbrios financeiros e qualidade de vida na população, assim como uma crescente dependência energética, destacando-se o petróleo⁹ e o gás. Como exemplo a União Soviética quando implodiu tinha apenas cerca de 300 milhões de habitantes, atualmente a China tem quatro vezes mais população que os EUA. Ainda a nível interno apresenta-se de imediato um grande desafio, o tratar-se de um regime comunista agindo como uma economia de mercado mais próxima de regimes democráticos.

A RPC é uma potência regional que tem emergido gradualmente para se posicionar como potência mundial de primeira dimensão (Carriço, 2006), influenciando naturalmente cada vez mais as relações de poder na região Asia-Pacífico e pondo em causa alguns dos seus atuais equilíbrios estratégicos. Segundo David Lampton (2008) a RPC é um dos principais fenómenos de transformação do século XXI, principalmente que a sua rápida ascensão lhe trará uma posição de poder com uma real influência no mundo atual. Em termos conceptuais a sua ascensão trará certamente novos desafios à ordem existente, no espaço em que o Estado Chinês exerce jurisdição.

A posição atual da China induz frequentemente uma comparação à ascensão da Alemanha dos períodos que antecederam as I e II GM, porém as questões ideológicas e o contexto da altura não são semelhantes à atualidade, exemplo disso era o nível tecnológico e industrial que a alemã dispunha na altura, conferia-lhe uma vantagem que atualmente não existe. Também muita especulação tem sido feita relativamente à sua capacidade de

⁸ Estimavas da OCDE atribui à China 1,37 mil milhões de habitantes. Disponível em: <http://stats.oecd.org/index.aspx?queryid=254&lang=fr>.

⁹ Caso o consumo *per capita* da RPC se assemelhe ao dos EUA toda a produção mundial não chegaria para satisfazer as suas necessidades diárias (cerca de 90 a 100 milhões de barris por dia).



substituir a ex-URSS, reeditando novamente a visão do Mundo a dois blocos. Existe também a possibilidade de uma hipotética “implosão” dos EUA e a ascensão da China em sua substituição, embora ainda muito discutível tendo em conta uma comparação dos dois poderes globais.

Não fará qualquer sentido falar-se em alteração à ordem atual imposta por uma Nação se essa não tiver poder para tal, posto isto iremos analisar os três pilares de poder definidos por Lampton (2008), Poder Económico e Tecnológico; Poder Político e Cultural e Poder Militar, orientando o nosso pensamento para um racional de que serão necessários meios para se aspirar atingir um determinado fim¹⁰.

No poder político incluem-se as relações de poder que a China exerce com os principais atores que interagem a nível regional e as suas repercussões a nível mundial, aqui incluem-se também os aspetos culturais; no militar analisam-se as motivações para a grande reestruturação militar em curso centrada na tecnologia e do *modus operandi* de fazer a guerra na atualidade, refletindo-se no forte investimento da RPC nesta área; no económico, a base de sustentação chinesa, pretende-se analisar as relações e impactos no atual mundo globalizado, ligações, interdependências, potencialidades e vulnerabilidades. A cooperação estratégica existente entre os EUA e a China (mútua dependência económico)¹¹, com interesses e posicionamentos estratégicos nem sempre coincidentes.

O presente trabalho divide-se em cinco partes que se seguem a uma breve introdução ao tema; na primeira parte analisa o Poder e fatores geoestratégicos; nas segunda, terceira e quarta partes analisam-se os três pilares de poder da RPC, o económico, político e militar; na quinta parte faz-se projeção de cenários futuros por forma e perceber se a RPC tende para a manutenção ou se aspira uma alteração do atual *status quo*, e por último, conclusões do objeto em estudo.

Justificação e importância da investigação

A China é um dos atores no teatro do Mundo que vem assumindo cada vez mais um papel de relevância no Jogo de Poderes das Relações Internacionais. É um país emergente, ao nível militar, económico, político e demográfico que tem direcionado as suas opções a nível internacional de acordo com os seus objetivos estratégicos quer nas relações com os países dentro da sua região, quer com os EUA.

¹⁰ Mnemónica de *Means, Ways, Ends*.

¹¹ Possui reservas significativas de dólares e significativa dívida pública norte-americana.



É evidente o seu crescente poder nas variadas esferas de importância deixando-nos sempre a dúvida de que os seus objetivos futuros serão transparentes e no sentido se manter o atual *status quo*, ou se por outro lado, escondem objetivos com impacto no *status quo* atual. Como tal verifica-se a envolvimento do tema a nível estratégico, político e económico, considerando-se atual, envolvendo relações de poder e complexidade do mundo em que vivemos, assumindo-se que a China terá certamente uma posição de relevância os destinos mundiais.

Mais do que se considerar este tema como atual, relevante e muito pertinente, considera-se como um exercício de estimulação intelectual, pela possibilidade de analisar um extraordinário processo de mudança socioeconómico, cultural e militar em curso e poder se refletir sobre uma realidade próxima que certamente afetará direta ou indiretamente o mundo contemporâneo.

Objeto de estudo e sua delimitação

O estudo em apreço centra-se na análise dos três pilares do poder da RPC, o poder político ou cultural, militar e económico de modo a responder se as relações do Poder da RPC e as suas posições o classificam como país amigo, tolerante ou inimigo do Ocidente e perceber se os seus objetivos são no sentido de manter ou alterar o atual *status quo*.

Com base na análise efetuada pretende-se, projetar cenários futuros do seu posicionamento e sua influência no equilíbrio estratégico do sistema internacional (SI).

Metodologia

O percurso metodológico foi cumprido com recurso ao método de investigação científico preconizado por Quivy e Campenhoudt “Metodologia da Investigação Científica” de Junho de 2007, do Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM) (Quivy & Campenhoudt, 2005). Para tal irá seguir-se o método hipotético-dedutivo, apoiado em pesquisa documental e artigos científicos de entidades consideradas como referência no tema em apreço, contribuindo assim para o esclarecimento da problemática.

No decorrer do presente estudo serão referenciados conceitos e definições, para tal foi desenvolvido um corpo de conceitos e definições integradas no Anexo C. Para referenciar o presente trabalho, recorreu-se à ferramenta de referência automática incorporada no Microsoft Word 2010, estilo “*Harvard-Anglia*” (IESM, 2011, p. 16).

Para orientação do presente TII, foi definida a seguinte questão central (No Anexo A pode ser consultado um mapa que contém a Linha de Orientação Metodológica):



QC: A ascensão da China no SI tem vindo a ser confirmada nos três pilares de Poder, no entanto terá a China capacidade, poder e interesse para alterar o atual *status quo*, adequando-o aos seus interesses condicionando o xadrez Mundial?

Decorrentes da questão central, identificámos a necessidade de estabelecer as seguintes Questões Derivadas (QD):

QD1: As reformas económicas implementadas pelo regime da RPC, foram favorecidas pela globalização mundial mas baseadas a nível interno numa economia descentralizada tendo em vista a implementação de uma economia de mercado de base regional sustentada pelo investimento estrangeiro?

QD2: A alteração do paradigma militar da RPC visa recuperar o seu atraso tecnológico desta capacidade e habilitá-lo a assumir-se como potência regional e apoiar as suas posições políticas e económicas?

QD3: As opções da política externa da RPC atuais têm como objetivo criar uma situação estável, apostando na manutenção no atual *status quo*, por forma apoiar os seus objetivos militares e económicos?

Às QD oporemos as seguintes Hipóteses (H), as quais poderão ser confirmadas ou rejeitadas:

H1: As reformas económicas da RPC visaram aumentar o seu poder económico a nível mundial, favorecendo a riqueza e o bem-estar aproveitando as condições favoráveis existentes atualmente.

H2: O aumento da capacidade militar da RPC está diretamente relacionado com a perceção de poder, tendo como objetivo apoiar o poder económico e político e dissuadir as ameaças na sua região.

H3: A posição do Poder político da RPC nas variadas organizações internacionais, está diretamente relacionada com os seus interesses internos, em conformidade com o crescente respeito e reconhecimento do SI relativamente ao poder que representa.



1. Fatores Geostratégicos e Fatores de Poder

a. Relações com a conceção de Poder

Uma das primeiras abordagens ao conceito de poder embora a um nível regional foi a teoria elaborada por Friedrich Ratzel, aplicada à “sua” Alemanha e à necessidade de a reposicionar numa posição de maior relevância na Europa da Época, com o objetivo de demonstrar que “espaço é poder” (Almeida, 1990, p. 104). A sua ação e pensamento assentaram inteiramente no contexto marcadamente nacionalista da sua época. Considerava que a Alemanha devia ter uma política de nível mundial, criando um império colonial de acordo com as suas ambições.

Para Ratzel, não se podia conceber Estado sem território. Esquecê-lo não passava de uma tentativa vã, acrescentando que nada se pode conceber separado de um lugar (Miranda, 1990, p. 47). No entanto apesar da posição que a Alemanha detinha na altura ser consideravelmente diferente da posição atual da RPC, não deixa de ser curioso relembrar o que na altura também foi uma potência com notável crescimento a todos os níveis, sobressaindo o económico, e industrial, e tal como a RPC uma potência terrestre com significativo “espaço” vital, buscava um equilíbrio nas suas forças armadas.

Ao longo da história a inovação e tecnologia têm conferindo os requisitos e condições *sine qua non* para alguma Nações emergirem e assumirem papéis de relevo sem as quais dificilmente pode-se realçar os Genoveses, os Venezianos, os Holandeses, os Espanhóis, os Portugueses¹², mais recentemente o Reino Unido com a revolução industrial, o vapor e os caminhos-de-ferro e a Alemanha com o emprego do ferro, química e a eletricidade. Atualmente os EUA assumem um papel de relevo na inovação, que para muito autores é tal facto que os vai mantendo numa posição de relevo, embora também muito se fale numa eventual ultrapassagem por parte da China ou mesmo da Índia neste âmbito (Rapkin & Thompson, 2003, p. 324).

Como tal, será consensual que no SI tem havido variadas nações que têm conseguido uma posição de relevo ou uma maior cotações internacional, ou motivados por fortes pressões ideológicas sendo este um fator de agregação e mobilização, ou catapultados por superioridade tecnológica mesmo que temporária.

¹² Vela Latina que conferia a capacidade de navegar à bolina, ou seja, contra o vento.



b. Teorização do Poder

Ao longo dos tempos, teorizadores, políticos e altas entidades do Estado, dedicaram-se ao estudo e compreensão do Poder. Estudaram particularmente a sua distribuição entre as variadas sociedades, os seus impactos, os seus níveis de distribuição, as várias formas de poder, as formas de o obter e o modo de o empregar, quer seja em tempo de paz, quer em tempo de guerra ou conflito.

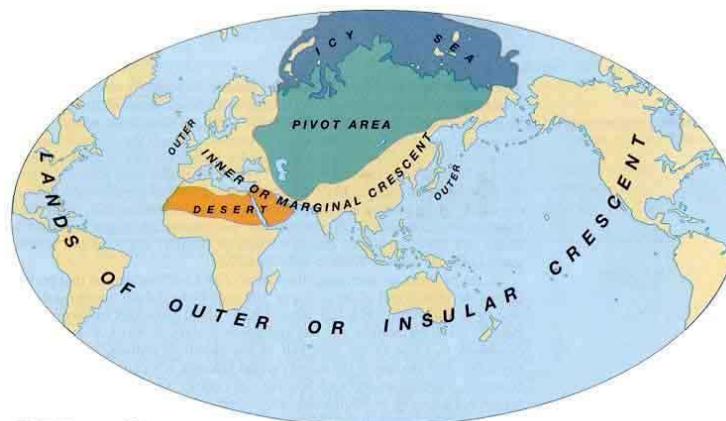
Entre os variados e ilustres teorizadores da antiguidade, encontramos Confúcio, Platão, Aristóteles e numa vertente associada ao *hard power* Sun Tzu, Maquiavel e Clausewitz. Entre os teorizadores contemporâneos encontramos individualidades como Cabral Couto, Ray Cline e Pascal Boniface (variada são as definições e conceções de Poder, para tal ver anexo C – Definições e Conceitos). O Poder é um conceito abrangente, que engloba um número significativo de variáveis umas tangíveis, outras intangíveis, no entanto nas variadas abordagens ao tema foi sendo sempre comum a tentativa de não o tratar de forma absoluta.

No anexo C – Definições e Conceitos, é realizada uma caracterização mais alargada do conceito de Poder. Para o presente estudo iremos adotar a definição de Pascal Boniface (1997), “O poder de um Estado resulta da combinação e do domínio dos elementos de poder e da vontade do Estado em os utilizar na cena internacional”, que para o tema em análise se adequa perfeitamente pelo estudo dos poderes económico, militar e político, e na vontade ou não em usa-los em seu proveito próprio.

c. Enquadramento geopolítico e geoestratégico

Sir Alford Makinder (1942), na sua teoria do *Heartland*, localiza a RPC no Crescente Interior, zona envolvente da por si designada área *pivot*¹³. Na sua teoria, se a RPC, sozinha ou em aliança, controlasse o território russo, controlaria o mundo. Aqui conjugava fatores primordiais para a sua posição favorecida, território, população, recursos e acessos ao mar.

¹³ Centro do poder mundial.



FONT: Knox, p. 391

Fig. 1 - Teoria do *Heartland*

Para Henry Kissinger (2002, p. 21) a posição onde se insere a RPC, na Ásia Oriental, é partilhada pela Rússia que também se assume como potência regional, constituindo-se logo à partida dois rivais estratégicos. Este espaço geopolítico reflete um hábil reposicionamento de poderes realizado desde o século XIX, pelas potências¹⁴ da altura, promovendo a paz com base num equilíbrio de poderes. Uma eventual aliança entre a RPC e a Rússia, dificilmente se efetivará muito fruto da ação externa dos EUA e das suas posições na região, cingindo-se esta apenas a cooperação uma vez que se tal acontecesse, certamente colocaria em causa a posição hegemónica dos EUA na região (2002, p. 21).

Já Zbigniew Brzezinski (1997, p. 78) considera que a RPC continua sob influência de três dos principais atores regionais, são eles o Japão, a Rússia e a Índia. Começando pelo Japão, o seu “inimigo” do passado século com quem travou diretamente a II GM, realça-se a sua aproximação aos EUA, que poderá acentuar divergências latentes. As conflitualidades Sino-russas têm sido devidamente aproveitadas pelos EUA, tendo estes na Administração Nixon aproveitado a Guerra fria para criar um contrapeso que favorecesse o equilíbrio do poder nesta região. Por último com a Índia subsistem conflitos e interesses relativos à partilha de Caxemira não se vislumbrando soluções a curto prazo.

Na comunidade internacional (CI), muito se tem especulado ao ponto de se estabelecerem comparações entre o atual poder económico, industrial e militar, com a evolução do Segundo Reich, desencadeando a I GM, e do Terceiro Reich na II GM. O lado Chinês, por seu lado, vê a sua atual posição como beneficiária da globalização e do sistema internacional, uma vez que esta favorece a criação de parcerias e de cooperação com os EUA, vitais para a manutenção do seu desenvolvimento económico (Yue, 2008, p. 439) e

¹⁴ Reino Unido, França e a Prússia.



aquisição de conhecimento, inovação e *Know-how*. Do ponto de vista ocidental¹⁵ subsiste a dificuldade em perceber se esta rápida ascensão poderá ocultar objetivos menos transparentes, passíveis de alterar ou desafiar a ordem atual. O impacto profundo de uma predominância da RPC com poder global, terá certamente uma extensão a nível da política, do comércio, do emprego e da estabilidade monetária, militar, geopolítica e implicações na segurança e estabilidade regional e global (Guoguang, 2004).

Com o progresso e o acentuar da sua população, agudiza-se a sua procura e a necessidade em afetar recursos cada vez mais escassos assim como em justificar a sua desvalorização relativamente às questões ambientais.

Tal tem levado muitos teóricos Chineses a justificar que o conjunto dos seus problemas internos, o desenvolvimento económico e social poderão estar na base de receios internacionais e instabilidades sociais internas, justificando o seu empenho constante em passar a imagem da sua ascensão ser pacífica (Wang, 2005). A sua mensagem tem sido sempre orientada para a estabilidade da ordem mundial, a RPC tem afirmando continuamente não ter qualquer ambição relativamente à hegemonia mundial (Yue, 2008, p. 440), assim como em desafiar os EUA na posição de potência responsável pela manutenção do equilíbrio e ordem na Ásia Oriental.

d. Fatores Físicos e Humanos

A RPC tem um território vasto, elevada população, e uma cultura milenar própria. Em termos geopolíticos encontra-se “encravada” entre potências: a Norte a Rússia, a Oeste a Índia, a Sul a Coreia e a Leste, o seu inimigo de sempre, o Japão, que mesmo com esta conjuntura não foi obstáculo existindo atualmente poucas ou nenhuma dúvida acerca do crescimento e “ascensão” da RPC (Sutter, 2003-2004).

O seu território abrange cerca de 9,6 milhões de quilómetros quadrados, uma área praticamente semelhante à dos EUA, no qual vivem 1,3 mil milhões de habitantes. Mais de 40% do território chinês situa-se acima dos 2000 metros de altitude, na parte ocidental abrange o planalto tibetano e a parte chinesa das montanhas do Himalaias. A parte oriental do território corresponde à parte tradicional chinesa onde estão incluídos os rios *Yangtze* e o Amarelo, a noroeste *Xinjiang*, a Mongólia interior a norte, e Manchúria no extremo nordeste (Vasconcelos, 2007).

¹⁵ Estados Unidos, União Europeia e Japão (não ocidental mas forte aliado dos EUA na região).



Fig. 2 - Mapa da China

A profundidade do seu território é ideal para uma estratégia de contenção e resistência ao avanço e progressão forças terrestres¹⁶. As suas fronteiras orientais, sul e sudoeste constituem-se com zonas de proteção natural, constituídas por mar, montanhas, florestas e desertos. As suas fronteiras terrestres são de aproximadamente 22 mil quilómetros¹⁷ e de 11 mil quilómetros no caso das fronteiras marítimas. Ao nível das fronteiras terrestres subsiste apenas a disputa com a Índia na região de Caxemira¹⁸, que também é disputada pelo Paquistão.

Na sua fronteira marítima mantêm-se igualmente disputas com o Japão pelas ilhas de *Senkaku* e *Diaoyu* no mar da China Oriental, e no mar da China Meridional, com o Vietname, as Filipinas, a Malásia, o Brunei e a Indonésia, sobre o direito à posse das ilhas *Paracel* e *Spratly*. Não pode ser esquecido também o problema de Taiwan, está ilha ocupa uma posição geoestratégica muito importante, que possibilita condicionar o acesso da RPC ao pacífico.

Na sua população cerca de 8% tem idades superiores a 65 anos, rondando uma esperança de vida próxima dos 73 anos. Para além do envelhecimento da população, a RPC adotou políticas de controlo da natalidade sob o argumento de colapso do país caso a população continuasse a crescer. Outro grande desafio no seu território prende-se com o baixo grau de infraestruturas, sejam elas, estradas, linhas de caminho-de-ferro e portos

¹⁶ Foi a forma de conter o avanço dos soviéticos nos anos 30 do século passado.

¹⁷ Rússia, Coreia do Norte, Mongólia, Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Afeganistão, Paquistão, Índia, Nepal, Butão, Birmânia, Laos e Vietname.

¹⁸ Desde 1962, a China ocupa uma região com cerca de 30 mil quilómetros quadrados conhecida como *Aksai Chin*, depois de uma pequena guerra com a Índia.



somando-se os baixos níveis de escolaridade e grau de especialização da sua população (Neves, 2005), para se perceber os recursos que a RPC detém, ver anexo B.

Apresenta também um aumento exponencial dos índices de poluição associado aos seus perfis de consumo. Segundo a Organização mundial de Saúde (OMS) sete das dez cidades mais poluidoras do mundo são chinesas, e indiretamente por efeitos da poluição estão também associadas doenças respiratórias, níveis de mortalidade e despesas em tratamentos¹⁹.

e. A RPC e o Sistema Internacional

A visão geopolítica do mundo reorientou-se de eurocêntrica para o pacífico, principalmente pelo mercado e riqueza que representa. O ocidente aproximou-se do oriente mas a forma de ver o mundo mantém-se distante. Um exemplo disso foi a queda do muro de Berlim e a consequente implosão e fragmentação da União Soviética, que foi sobejamente comemorada no ocidente, enquanto que no lado da RPC, este evento foi encarado como uma catástrofe. Outro exemplo é a crise mundial que também assola os EUA, mas que já poderá ser vista com bons olhos do lado Chinês, contrariamente à posição americana (Lenglet, 2011, p. 86).

Com as reformas implementadas, a economia de mercado da RPC projeta-se mundialmente, de acordo com regras e princípios de instituições financeira como o FMI e o BM, tornando-se este processo cada vez mais irreversível, assim como o fluxo de pessoas, capitais, mercadorias, conhecimento e serviços, usufruindo do desmantelamento de variadas tarifas aduaneiras para cumprir as regras e regulamentos da Organização Mundial do Comércio (OMC) (Vasconcelos, 2007).

Um dos reflexos imediatos foi a competição pelo domínio, exploração, transporte e distribuição dos recursos naturais e energéticos, uma vez que estes estão diretamente relacionados com a manutenção das necessidades internas ao nível industrial, de consumo e tecnológico, mas tantas vezes tem posto em causa a própria ordem internacional.

A política de abertura ao exterior teve também implicações no sistema político da RPC, orientando-o para uma eventual flexibilização do seu regime, embora ainda distante do ideal ocidental. Nas reformas económicas “o quadro de aceleração do processo de modernização tecno-económica é de uma profunda e intensa mudança social, que se

¹⁹ Estima-se que cerca de 300 mil pessoas morram prematuramente com doenças respiratórias causadas pela poluição (Neves, 2005, p. 2).



estende do litoral para o interior, com um impacto imediato em várias centenas de milhões de Chineses” (Romana, 2005, p. 32).

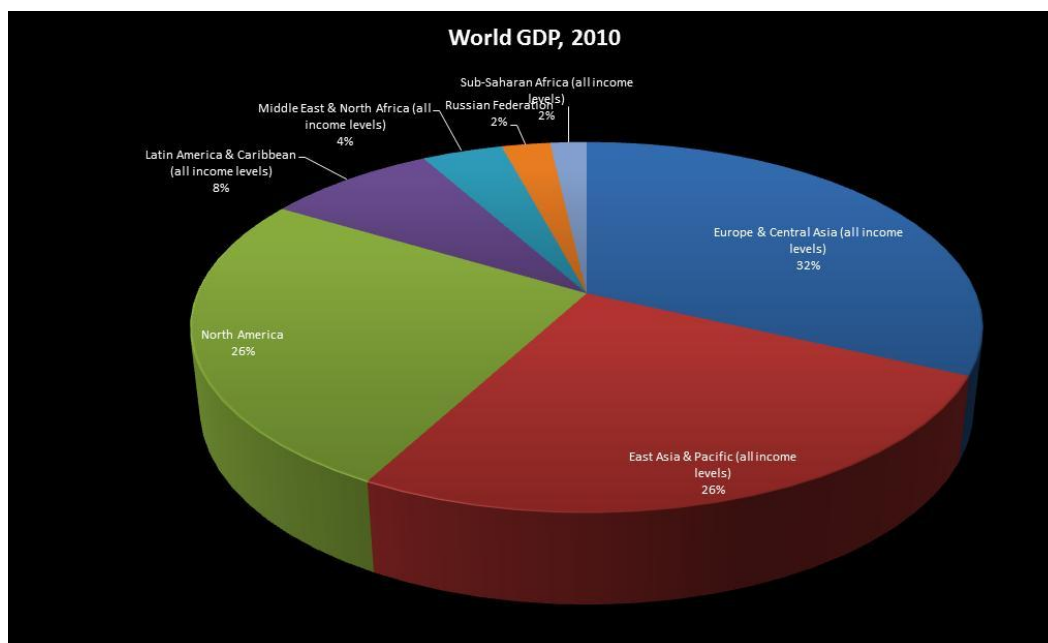
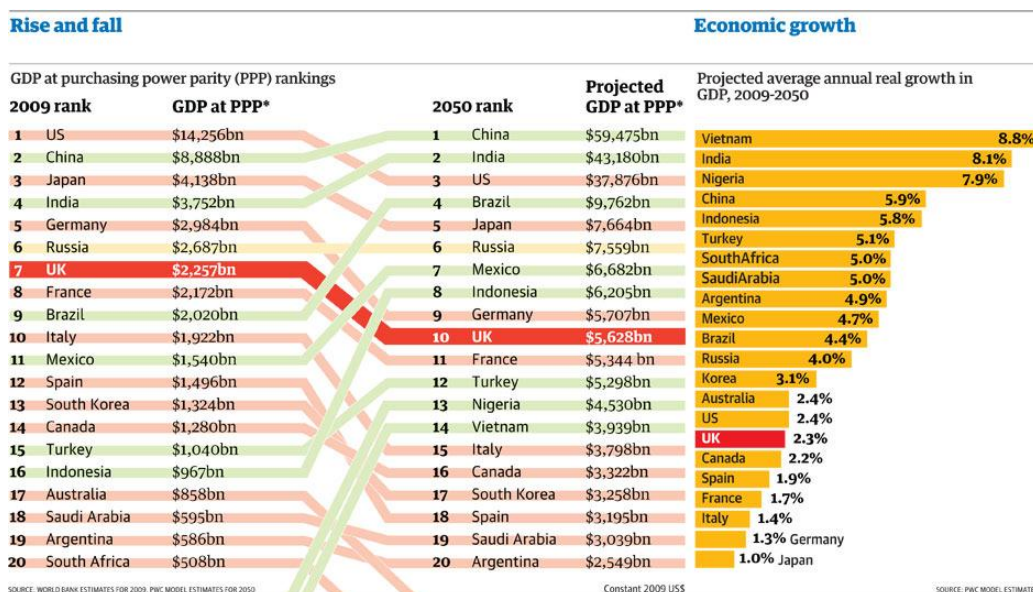
A distribuição do poder no SI continua a ser um tema de extrema importância, atualmente os EUA ainda mantêm o seu domínio de forma significativa (Romana, 2005):

- Riqueza dos EUA representa cerca de 26% do PIB mundial;
- Despesas militares representam mais de metade dos totais mundiais;
- Maiores reservas de armas nucleares e estratégicas;
- Primazia tecnológica;
- Domínio aeroespacial;
- Primazia no conjunto de forças terrestres, aérea e navais;
- Capacidade global apoiada com uma extensa rede de bases militares.

A Rússia embora fragilizada continua com um número significativo de armas nucleares e dimensão territorial; a Alemanha reunificada é a terceira economia mundial e o maior exportador mundial; o Japão a quarta economia mundial; a RPC e a Índia, países emergentes com vasto território e elevada demografia; o RU, a França e o Brasil (Vasconcelos, 2007).

Segundo Cabral Couto, citado por Rodrigues Viana (2002) o mundo atual é classificado como uni-policêntrico, ou seja, unipolar a nível militar e multipolar a nível económico, cultural, tecnológico e estratégico; já Huntington (2001) classifica como uni-multipolar, embora estabeleça a diferença entre uma superpotência e várias grandes potências se analisarmos os critérios que a classificam de superpotência não varia muito da designação anterior. Neste complexo cenário aparecem ainda as Organizações Internacionais (OI), Organizações Não Governamentais (ONG), organizações e organismos que muitas vezes movimentam valores financeiros superiores a muitos Estados, e que podem por em causa a ordem e segurança mundial.

Em termos internacionais e mantendo-se as projeções e tendências dos últimos anos, em 2040 a quota da China no PIB global chegará a 40% (Fogel, 2010) e ultrapassará a dos EUA. Com o assumir da posição chinesa o SI, tenderá novamente para um equilíbrio uma vez que a posição indiscutível dos EUA terá uma nação a posicionar-se como seu par.


Fig. 3 - PIB Mundial 2010²⁰

Fig. 4 - Projeções para 2050 do PIB mundial²¹

Analisando o conceito estratégico chinês (CGOWeb, 2011), são claras as orientações para as vertentes económicas, como objetivo de manutenção de elevadas taxas de crescimento e aumento dos rendimentos *per capita*, fator central para a sua sobrevivência (Neves, 2005). Mas os seus problemas internos também são significativos podendo mesmo ser questionada “qual a capacidade que o regime terá para aplacar as

²⁰ Disponível em: <http://assume-wisely.blogspot.com/2012/01/2010-world-gdp.html>

²¹ Disponível em: <http://static.guim.co.uk/sys-images/Guardian/Pix/pictures/2011/1/6/1294335840193/GDP-projections-to-2050-g-008.jpg>.



pressões de uma dinâmica económica e social que tende a ultrapassar o esquema planeado de reformas induzidas por Deng Xiaoping na década de oitenta, visando contrariar o isolamento da China, modernizar o País e projetar-se política e diplomaticamente” (Romana, 2005, p. 32). Prova disso tem sido os seus esforços para credibilização no SI, justificando as suas posições nas NU, na *Asia-pacific Economic Cooperation* (APEC), a Associação de Nações do Sudoeste Asiático (ASEAN+3)²², na *Shanghai Cooperation Organization* (SCO), embora também é frequentemente manchada com as suas problemáticas relações com o Irão, com o Paquistão e a sua problemática de Taiwan.

O SI tem recebido com receios a ascensão da RPC. A eventualidade de um conflito por si desencadeado estará normalmente relacionado, não só pela ambição do país que emerge, mas principalmente à frustração da nação que declina e perde relevância na balança de poderes (Lampton, 2008, p. 12).

Uma das visões mais pessimistas da relação entre os EUA e a RPC pertence a John Mearsheimer (2001), segundo o qual as relações de poder e a sua transição conduzem normalmente ao uso da força, assumindo-se para ele o poder militar como um valor crucial, servindo as restantes componentes de poder para apoiar esta componente (na sua ótica, por exemplo, o poder económico serve para adquirir e sustentar os meios militares). Se Mearsheimer tiver razão, certamente estaríamos a caminhar para tempos de turbulência pois tal poder-se-ia aplicar perfeitamente, no caso da RPC, país poderoso em termos económicos, que tem vindo a demonstrar muito significativos investimentos militares.

Já Amitai Etzioni (1975) defende que “*power differs according to the means employed to make the subject comply. These means may be physical, material, or symbolic*”, ou seja, na pratica está sempre subentendido que necessitamos de meios credíveis (*means*), que a China tem concretizado com capacidade económica, investimento em educação, infraestrutura e FFAA, nos modos de emprego (*ways*) interligados às suas posições internacionais orientando as suas políticas para os seus objetivos estratégicos e por último os seus fins (*ends*) que aparentam estarem de acordo com os pensamentos de Confúcio, orientados para o bem estar e qualidade de vida pacífica.

Em 1989, Deng Xiaoping clarifica as verdadeiras intenções da RPC numa declaração “*Adopt a sober perspective; maintain a stable posture; be composed; conserve your strength and conceal your resources don’t aspire to be the head; do something eventually*” (Deng, 1989 cit. por Lampton, 2008). Não será portanto, abusivo afirmar que a

²² Brunei, Camboja, Indonésia, Laos. Malásia, Myanmar, Filipinas, Singapura, Tailândia, Vietnam. Mais três: Japão, China e Coreia do Sul.



este nível a sua opção por um *low profile* se aproxima francamente mais de uma tentativa de manutenção do *status quo* do que uma tentativa de alterar a dinâmica existente.

Para percebermos com encara o lado americano basta recuarmos ao ano de 2002 e analisarmos as declarações do então presidente George W. Bush, embora na realidade não sejam tão extremistas relativamente a uma eventual perda de relevância no “xadrez mundial” “*Our forces will be strong enough to dissuade potential adversaries from pursuing a military build-up in hope of surpassing, or equaling, the power of the United States*” (National Security Council, 2002), que reafirma a posição americana mas também não disfarça a preocupação relativamente ao avanço do poder militar chinês.

A posição oficial do governo dos EUA em 2005 relativamente à RPC, posiciona-se claramente na tentativa de os trazer à responsabilidade afirmando esperança que estes se tornem progressivamente num “*responsible stakeholder*” dentro do SI (Lampton, 2008, p. 2). Jianyong Yue (2008, p. 441) ao analisar os receios ocidentais, contrapõe com a sua visão oriental afirmando que “a existência de uma ameaça chinesa existe apenas aos olhos dos decisores políticos americanos, apesar da China se encontrar irreversivelmente integrada num SI dominado pelos EUA”.

Não será assim difícil de perceber que são também os principais interessados em manter a sua atual posição, assim como na manutenção e preservação da ordem mundial, que muito lhe favorece os seus interesses económicos e de segurança, potenciando a circulação segura suas mercadorias e capitais.

Atualmente vivemos momentos de turbulência, a atual crise económica do Ocidente, a queda na produção, dos mercados internacionais e financeiros relembra a crise dos anos 20. Para os chineses os EUA estiveram na génese do problema estando agora a sentir as suas consequências, demasiado crédito, e elevada liberdade económica que resultaram na crise da dívida soberana, no escalar de falência e desemprego.

Por seu lado o Estado chinês para além de adquirir uma quantidade significativa de dívida pública americana, também garantiu reservas de milhões de dólares e poupanças domésticas que têm mantido a sua economia imune à crise, embora as suas vendas nos EUA tenham caído de um dia para o outro cerca de 30% com a falência da *Lehman Brothers* e respetiva sincronização do mundo económico inteiro (Lenglet, 2011, p. 86).

Os números oficiais do crescimento da RPC mantêm-se nos 8% que é o limiar crítico para as necessidades de emprego de acordo com as assimetrias sociais e êxodo rural. Segundo Lenglet (2011, p. 88) tratou-se de uma manipulação para evitar um pânico generalizado nas populações e maiores conflitos sociais. Embora a 10 de novembro o



governo chinês tenha injetado cerca de 7% do seu PIB para dinamizar novamente a sua economia podemos facilmente perceber que os seus desafios internos também não se devem subestimar de todo.



2. Poder Económico e Tecnológico

“Em 2040, a economia chinesa chegará aos 86 biliões de euros, ou seja, quase três vezes o produto económico de todo o mundo em 2000. (...) Embora não tenha ultrapassado os EUA, em riqueza *per capita*, (...) a quota da China no PIB global – 40% - irá ofuscar a dos EUA (14%) e da UE (5%) daqui a 30 anos.”

Robert Fogel²³ (2010)

É notável o crescimento económico da RPC, não pode deixar de ser motivo de admiração mas também de apreensão, por tratar-se de um país não democrático com princípios económicos capitalistas que eventualmente poderá estar a ocultar as suas verdadeiras intenções (Liang, 2007). A economia da RPC nos últimos 30 anos passou de um modelo de planeamento centralizado, típico de regimes de ideologia comunista, com economia fechada²⁴ ao comércio internacional, para um modelo orientado para as necessidades e opções do mercado, dando um enfoque significativo ao sector privado em detrimento do sector público. Em plena crise da dívida soberana com reflexos nos principais mercados mundiais, os países emergentes pouco ou nada sentiram os seus efeitos, pelo contrário deslocaram o centro de gravidade a seu proveito, em particular a China que sentiu um ligeiro recuo no início de 2009, rapidamente retomou níveis de crescimento que ascendiam os dois dígitos (Lenglet, 2011, p. 10).

A cultura chinesa sempre representou um desafio para o exterior, pelo que no SI e em particular nos EUA, significativos esforços foram feitos para acelerar a liberalização da economia chinesa, porque havia a perceção que assim poderia ser facilmente balizada, mas quando tal se deu o ocidente acentuou os seus receios. Nos países mais industrializados verificaram-se fricções com a China e com os seus produtos, desencadeando uma onda de protecionismo dos produtos nacionais (Liang, 2007, p. 1).

A sua cultura confucionista²⁵ potenciou e criou uma oportunidade singular de crescimento e redireccionamento da economia local. O fenómeno de relocalização da produção industrial emerge como um centro de captação de investimento, fruto da sua abundante mão-de-obra barata, recurso e incentivos. Até aos finais dos anos 1970, a sua economia era primariamente baseada na agricultura rural, começando nessa altura uma

²³ Nobel da Economia em 1993.

²⁴ Exemplo a Coreia do Norte.

²⁵ Fomento da paz e harmonia.



gradual descolectivização da agricultura, seguindo-se a liberalização gradual de preços, a descentralização fiscal, o aumento da autonomia das empresas estatais, o estabelecimento de um sistema bancário mais diversificado, dinamização do mercado de valores, crescimento do sector não estatal e a abertura do comércio ao investimento externo (Vasconcelos, 2007, p. 42).

Passou-se de um modelo de crescimento económico baseado no desenvolvimento agrícola para um modelo que assenta na mobilização das massas, no desenvolvimento local e em indústrias de trabalho intensivo. Os lucros da liberalização parcial dos mercados agrícolas possibilitaram o investimento em empresas e indústrias ligeiras que garantiam os bens de consumo, para os quais havia uma larga procura no mercado interno e uma franca margem de crescimento (Arvanitis, et al., 2004, p. 13). Em 1974, com a abertura ao exterior são criadas zonas económicas especiais²⁶ (Romana, 2005, p. 33).

Este modelo de crescimento centrado no aumento do poder de compra das populações rurais catapultou a economia chinesa, mas esgotou-se em poucos anos estando na génese de toda a transformação. A mão-de-obra barata da RPC, as afinidades linguística e culturais, e as condições favoráveis ao investimento reuniram os restantes fatores que facilitaram o investimento externo²⁷, trazendo clientes e fornecedores. Mas a tecnologia foi sempre o tendão de Aquiles da RPC que mesmo adquirindo recursos nessa área nunca dispôs de oferta em mão-de-obra qualificada (técnicos qualificados, gestores e qualidade de gestão). A solução encontrada foi a aposta no mercado de materiais e componentes de baixa especialização, sofisticação e reduzido conhecimento tecnológico, ou que apenas implicassem montagem com peças importadas, enquadrado nas condições existentes na região.

A reorganização económica da RPC trouxe novas oportunidades e grandes desafios ao mundo desenvolvido, e a necessidade de promover um mercado novo para a diversificação da exportação, representando também um desafio significativo, uma vez que passam a ter de competir com os produtos chineses que embora originários de bases tecnológicas reduzidas são integrados nos mercados a preços difíceis de praticar (Liang, 2007, p. 2). Em 1978 com a abertura aos mercados as taxas de crescimento já andava na ordem dos 9,4% (Liang, 2007, p. 3) começando o seu PIB a ter expressão relativamente aos maiores PIB mundiais, atualmente Fogel (2010) estima até 2040 um crescimento tal da

²⁶ Quatorze cidades costeiras em regime de mercado e várias zonas de investimento estrangeiro.

²⁷ Maioritariamente de Hong-Kong, Taiwan e diáspora chinesa ultramarina do sudeste asiático.

economia chinesa que lhe permita deter cerca de 40% do PIB mundial, os quadros abaixo apresentados clarificam a perspectiva apresentada.

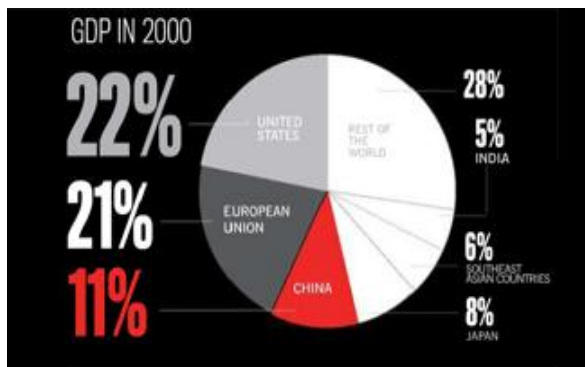


Fig. 5 - PIB Mundial em 2000

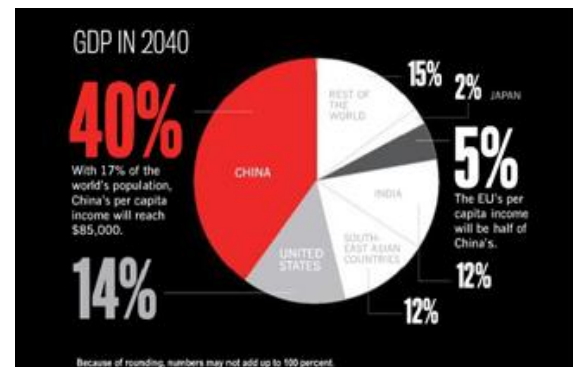


Fig. 6 - Estimativa do PIB Mundial para 2040

A seguir aos acontecimentos de Tiananmen, a RPC sentiu uma forte turbulência por parte do SI, que ameaçou condicionar as suas posições, mas Deng no 14.º Congresso do Partido Comunista²⁸, ao enviar uma mensagem quer para o exterior quer interior, acaba por “meter água na fervura”, ao proclamar que “enriquecer era glorioso”, sensibilizando e desviando a CI para as questões económicas chinesas.

A RPC para concretizar a posição de Deng, reforma a sua economia adotando uma “Economia Socialista de Mercado”, mantendo porem as suas opções políticas e objetivos estratégicos (Romana, 2005, p. 58).

As suas reformas centraram-se em quatro áreas de modernização (Medeiros, 1998, p. 290):

- Indústria;
- Agricultura;
- Ciência e tecnologia;
- Defesa nacional.

Para tal integrou reformas em três rubricas:

- Meios de produção e sistemas de gestão económicas;
- Descentralização (muito eficaz no apoio ao crescimento chinês);
- Política de preços.

Implicando abertura ao exterior em três frentes:

- Regime de trocas externas e cambiais;

²⁸ Realizado em Outubro de 1992.



- Regime de investimento estrangeiro;
- Criação de zona económicas especiais.

Com estas medidas, a partir da década de 90, países como os EUA, o Japão e a própria União Europeia (UE), iniciam um acentuado investimento direto, motivados pelos baixos custos de mão-de-obra. Por seu lado a RPC viu aí uma oportunidade de colmatar as suas graves lacunas tecnológicas. Mas neste “namoro” também se apresentaram obstáculos de peso como a inexistência de um sistema jurídico consistente que apoiasse as bases económico-financeiras e as dificuldades ao nível das comunicações (Romana, 2005, pp. 57-60) .

O crescimento industrial acentuado implicou um crescente fluxo migratório²⁹ para as zonas urbanas (em 2009, cerca de 55% da população chinesa ainda vivia em zonas rurais), na génese desta migração está a busca de melhores padrões de vida e o aumento das reivindicações das comunidades rurais. Mas aqui começam também as agitações sociais, fruto de desconfianças relativas ao poder central, corrupção e desvios de verbas para o mercado imobiliário e industrial (Romana, 2005, pp. 57-60).

Em termos financeiros, verificou-se também um agravamento do défice do Estado graças ao forte investimento em infraestruturas e elevado índice de corrupção que dificulta a obtenção da recolha de receitas em taxas e impostos. Segundo Heitor Romana (2000) as principais implicações culturais e sociopolíticas das reformas na organização social da RPC foram as seguintes:

- Aumento do fenómeno de urbanização dos meios rurais, como zonas intermédias;
- Aumento gradual da mobilidade geográfica, no sentido interior-litoral;
- Alteração dos mecanismos de controlo social formal e informal;
- Emergência de novos grupos sociais;
- Surgimento de novos padrões de consumo;
- Controlo demográfico – diminuição da natalidade;
- Modificação do processo de socialização;
- Mudança dos padrões de educação;
- Acesso gradual às tecnologias da informação;
- Diminuição da supervisão do Partido sobre o funcionamento da sociedade: “descolectivização civil”.

²⁹ Estimativas apontam para 80 milhões de cidadãos.



A estratégia da RPC ao descentralizar a sua economia regional, visava estimular o desenvolvimento local, porém desencadeou também uma procura de maior autonomia, suscitando clivagens associadas a disputas entre o poder regional e o central. Em 2004 já as suas exportações ultrapassavam 1,1 triliões de dólares no comércio externo, enquanto as suas principais importações visavam compensar as suas limitações estruturais, alta tecnologia, produtos ou componentes de energia, matérias-primas, maquinaria elétrica, combustíveis, minerais, óleos, equipamento médico, ferro e aço. Os seus principais mercados de exportação continuam a ser os EUA, seguidos pela UE e o Japão (Fogel, 2010).

A RPC foi sem dúvida o país emergente que melhor aproveitou a circunstâncias dos mercados, fomentou sempre uma relação próxima com o Ocidente, reservando aos EUA relações privilegiadas em termos comerciais e financeiros (2006 o seu comércio com os EUA era de 343 mil milhões de dólares), integrando-se significativamente melhor que o Brasil e a China, uma vez que a Rússia praticamente tem centrado a sua economia na venda de petróleo, gás, matérias-primas e armas. Mas a principal vantagem da economia chinesa foi o fato de acumular mais de 2500 mil milhões de dólares de reservas financeiras em divisas, quando o mundo inteiro se encontra envolvido em taxas astronómicas de endividamento (Lenglet, 2011, p. 11).

A sua relação comercial com os EUA acaba por ter perceções diferentes de acordo com o ângulo que vemos. Do lado americano a ascensão do seu poder económico é visto como o triunfo do sistema financeiro por si inventado, centrado no capitalismo. Na sua ótica, a RPC é dominada como moeda de troca pelo seu livre acesso aos mercados e as necessidades tecnológicas para sustentar o seu crescimento. Curioso será perceber que do lado Chinês a visão é diametralmente oposta uma vez que para eles os norte-americanos estão contidos graças às necessidades que têm de financiamento. Concretamente a China empresta para os americanos adquirirem os seus próprios produtos, ou seja, financiam o seu próprio crescimento económico endividando os EUA (Lenglet, 2011, p. 72).

Paul Roberts (2008), publica um artigo no *Wall Street Journal* defendendo que os EUA se encontravam na falência, tendo uma interdependência financeira por intermédio de financiamento sobretudo da China e do Japão, que tem vindo sistematicamente a comprar dívida americana, dívida essa que em muito tem contribuído para apoiar o esforço de guerra no Médio Oriente. A acumulação de dívida pública na prática também vulnerabiliza a própria RPC, deixando-a também interdependente dos EUA.



“Although the U.S. motive for developing economic and trade ties with China is private profit, this has objectively spurred China’s economic prosperity and technical advance. (...) A U.S. economic slide will certainly have quite a big negative impact on China’s economy, and in addition the various changes in world politics in the process of U.S. decline will not necessarily be favorable to China” (Wang, 2005).

Será assim compreensível o interesse da RPC na manutenção de uma relação harmoniosa com os EUA, uma vez que um desafio ou estagnação destes iria certamente pôr em risco os seus objetivos futuros, estabelecidos publicamente pelo seu governo em 2005 como metas de desenvolvimento para 2050 (Zheng, 2005, p. 23):

- Duplicar o PIB de 2000 até 2010;
- Duplicar o PIB de 2010 até 2020;
- De 2020 a 2050, continuar a crescer até se tornar num “país socialista democrático e civilizado”.

Mas para atingir este nível de ambição, segundo Fogel (2010) a RPC não poderá ignorar fatores que podem retardar ou condicionar a manutenção do crescimento acelerado da RPC, realçam-se três fatores importantes: o primeiro tem a ver com a fraca instrução e qualificação na RPC, que tem sido frequentemente apontada como um dos travões para um crescimento ainda superior.

A RPC tem feito um forte investimento para inverter este fator apostando na educação e formação, como resultado das declarações proferidas em 1998 pelo então presidente *Jiang Zemin*, apelando para um aumento massivo de inscrições em níveis de ensino superior³⁰, uma vez que na altura apenas 3,4 milhões de estudantes estavam matriculados em estabelecimentos de ensino superior na China. Nos anos seguintes verificou-se um aumento de 165% de estudantes matriculados na China e de 152% chineses a estudar no estrangeiro (Fogel, 2010). O segundo tem a ver com a frequência em que as pequenas empresas reportam os seus números ao Governo, e as limitações na capacidade de controlo por parte dos organismos do Estado em contabilizar adequadamente a produção, as suas melhorias e o aumento da sua qualidade, podendo

³⁰ “Trabalhadores mais instruídos são trabalhadores muito mais produtivos. (...) dados dos EUA indicam que trabalhadores com formação superior são três vezes mais produtivos, e que um trabalhador com ensino secundário é 1,8 vezes mais produtivo do que trabalhadores com habilitação inferior ao 9ºano” (Fogel, 2010, p. 50)



certamente subestimar o crescimento chinês. Por último o regime político que continua a ser um enigma para muitos observadores externos que assumem que Pequim controla tudo, fato que não abona da verdade uma vez que com a maioria das reformas económicas, incluindo as de maior sucesso, foram criadas e supervisionadas localmente (Fogel, 2010, p. 51).

Mas mesmo assim, Fogel prevê a impressionante cota de 40% do PIB mundial em 2040, a revista *The Economist* (2006, p. 12) e estima que o PIB chinês ultrapasse o dos EUA por volta de 2040. A agência *Goldman Sachs* avança na sua projeção que em 2050 as três principais economias mundiais serão a China, os EUA e a Índia, mas também adianta um ligeiro abrandamento no atual crescimento do PIB da RPC, visível nos anos 2012 e 2013. Mas também é verdade que a economia da China não está totalmente imune à crise mundial, que pode contrariar a longo prazo tais estimativas, uma vez que com a quebra de poder de comprar em variados países tidos como favorecidos, também implica uma quebra no consumo, arrasando também a procura de produtos provenientes da RPC, embora as suas reservas lhe permitam financiar os demais países a comprar os seus próprio produtos endividando-os.

PIB	2010	2008	2009	2010	2011(E)	2012(E)	2013(E)
EUA	14,527	0.3%	3.5%	3.0%	1.7%	1.5%	2.2%
Zona EURO	12,364	0.3%	3.5%	3.0%	1.7%	1.5%	2.2%
Alemanha	3,334	0.8%	5.1%	3.6%	3.0%	0.1%	1.5%
França	2,604	0.2%	2.6%	1.4%	1.6%	0.4%	0.9%
Itália	2,087	1.3%	5.2%	1.2%	0.6%	1.6%	0.1%
Japão	5,363	1.2%	6.3%	4.1%	0.2%	1.9%	1.5%
RU	2,272	1.1%	4.4%	1.8%	0.9%	0.7%	2.2%
China	5,892	9.6%	9.2%	10.4%	9.1%	8.6%	8.7%
Brasil	2,099	5.2%	0.6%	7.5%	3.2%	2.8%	4.1%

Tabela 1 – Panorama Global do Crescimento do PIB (*Goldman Sachs Economics Research*)³¹

Convém salientar que apesar de ter atingido um PIB global elevadíssimo, a RPC continua a ser considerado como um país pobre se considerarmos valores *per capita*. Tem-

³¹ Disponível em: <http://www2.goldmansachs.com/our-thinking/global-economic-outlook/global-themes-and-risks.html>.



se verificado um aumento exponencial de milionários e multimilionários, e uma significativa consolidação da sua classe média, porém a sua média comparativamente aos EUA e ao Japão continua a ser manifestamente reduzida. Nas grandes cidades chinesas os padrões de vida e rendimento *per capita* estão ao nível de países que o BM classificaria de “rendimento médio alto”, ultrapassando por exemplo à Republica Checa, incrementando em muito as assimetrias sociais relativamente aos meios rurais, fomentando também instabilidade e desemprego (Fogel, 2010).

Por último se alguma dúvida houver em relação ao valor real do poder económico nas relações internacionais, basta analisar as posições contemporâneas do Japão, Alemanha e Índia, fortes potências económicas que recentemente manifestaram interesse em ter assento permanente no Conselho de Segurança das NU, o curioso será analisar que dois deles foram países derrotados na II GM e um deles a principal potência revisionista do Século XX.

Síntese Conclusiva:

A RPC é certamente um caso de sucesso na atualidade, trata-se de um país comunista que se comporta economicamente como capitalista. A sua evolução económica tem sido impressionante, muito fruto da visão estratégica do seu ex-líder Deng Xiaoping.

Fatores como a implosão do Bloco Soviético, os receios do Ocidente em relação à evolução da RPC e a sua grande margem de crescimento catapultaram os seus objetivos estratégicos a um nível que inicialmente se poderiam imaginar, conferindo-lhes um Poder assinalável no contexto atual.

Quando o Ocidente e em particular os EUA, considerou melhor a sua integração nas OI, com o argumento de melhor conseguir controlar a RPC³², possibilitou-lhe também a abertura da sua economia, que encontrou num mundo globalizado condições singulares que lhe permitiram atingir a robusta posição de relevo atual.

A RPC no início da implementação das reformas iniciadas com Deng, tinha uma grande margem de crescimento, mas também não estava imune a problemas estruturais internos, que aliás já foram anteriormente elencados. Ao definir posições que lhe habilitassem o atingir de glória e bem-estar, incorpora uma aposta clara em todas as frentes com o claro objetivo do equilíbrio e do progresso. Como exemplo disso temos a aposta na formação, incentivo ao investimento externo, e o financiamento da economia mundial,

³² Exemplo foi a entrada na OMC.



graças às suas reservas económicas com o objetivo claro de não deixar estagnar a sua economia.

Descentralizou internamente a sua economia para desenvolver a sua economia regional, passando de uma economia rural para uma economia mais diversificada, reunindo condições muito favoráveis ao investimento externo motivado pela mão-de-obra barata, trazendo também consigo o *know-how* e a tecnologia.

Com os EUA constitui o G2, mas esta ligação vai muito para além de estatuto que lhe confere, pois interligou significativamente a sua economia com a americana, realçando-se a questão da moeda, e dívida pública adquirida por parte da RPC. Mas aqui também houve inteligência do lado da RPC ao continuar a financiar o endividamento externo americano, que lhe possibilitou manter o crescimento e escoamento dos seus produtos. A interdependência entre a economia chinesa e americana é real e atual, pelo que parece-nos mais racional que as suas orientações apontaram primariamente para um ambiente estável e seguro pois tal favorece-lhe nas suas exportações, e na importação de recursos e tecnologia cruciais aos seus objetivos estratégicos.

O seu atual Poder Económico, assume uma posição de relevo a nível mundial, materializando-se nas suas posições política e crescente aumento de Poder Militar desenvolvido no capítulo 3, apostando agora no equilibrar das assimetrias sociais, e ao melhorar as questões internas, nivela com os restantes pilares de poder ficando claro que sairá favorecido nas sua riqueza, equilíbrio, bem-estar e Poder em termos globais, validando-se assim a H1.

Mas acima de tudo, estamos a falar de poder, e mais importante do que o impressionante crescimento económico chinês é o poder que daí pode ser retirado. A vertente económica poderá ser considerada como um meio para se atingir um fim, daqui se poderá retirar poder militar e influência político-diplomática, mas foi primariamente nas suas reformas internas que se criou o ambiente ideia para o seu crescimento, desenvolvimento, cada vez mais visível para procura dos seu produtos, cultura e alternativa de mercado de trabalho e de investimento. A RPC é um país vasto, com a descentralização empenhou totalmente o país num objetivo comum, promoveu o investimento externo que em muito favoreceu a sua economia, respondendo-se assim à QD1, validando-a.



3. Poder Militar

“In the next five years, our economy and society will develop faster, boosting comprehensive national power. The developments will provide an even more stable material base to our defense and military buildup.”

Liang Guanglie³³ (Office of the Secretary of Defense, 2011)

A RPC ainda mantém um dos maiores exércitos do mundo, o Exército Popular de Libertação (EPL). Para sua manutenção subsistem argumentos como a resistência ao Japão, controlo de guerrilhas contra o governo nacionalista e ao próprio crescimento do Partido Comunista Chinês (PCC).

A sua doutrina militar assentou ao longo do tempo numa numerosa força terrestre (embora relativamente mal equipada), tecnologicamente desenhada para dissuadir ataques sobre o território chinês, saturando defensivamente pela quantidade e impedindo a sua expansão ao longo do seu território (Swaine & Ashley, 2000, p. 78). As suas principais ameaças exteriores sempre foram o Japão e a ex-URSS (Vasconcelos, 2007, p. 113).

Nos anos 60 começa a sua longa caminhada de modernização e atualização do EPL que ainda se mantém, começando por adquirir equipamento da ex-URSS³⁴, passando a partir de 1979 com o restabelecimento de relações com os EUA, uma reorientação para o ocidente passando a ser o seu mercado de aquisição de tecnologias militares, subcomponentes e principalmente na aquisição de *know-how* ocidental.

Porém aspetos relacionados com os direitos humanos³⁵ e a questão de *Taiwan*, têm estado sempre na génese da imposição de embargo à venda de armas à China por parte do Ocidente (Carriço, 2008).

a. Motivações à Modernização

Na guerra na ex-Jugoslávia em 1999 e a primeira guerra do Golfo em 1990-91, ficou claro o nível tecnológico padrão das forças armadas da atualidade, colocando ainda mais a nu as fragilidades, obsolescência, falta de treino o EPL e a sua limitada capacidade de projeção de força, aspetos sempre mencionados nos conflitos em que a RPC participou

³³ Ministro da Defesa da RPC.

³⁴ Com a aquisição de equipamentos soviéticos embora obsoletos para os padrões da ex-URSS.

³⁵ Como exemplo os acontecimentos de Tiananmen em 1989.

na segunda metade do século XX³⁶. A guerra do Golfo mostrou ao mundo inteiro a capacidade de comando e controlo, capacidade logística e de sustentação impressionante por parte dos EUA. A RPC como outras potências emergentes assistiram às operações *Enduring Freedom* (no Afeganistão) e *Iraqi Freedom* (no Iraque), verificando que dificilmente conseguiriam fazer uma guerra ou tentar desafiar os EUA pela força, numa eventual tentativa de resolução de temas sempre quentes com é o de *Taiwan*.

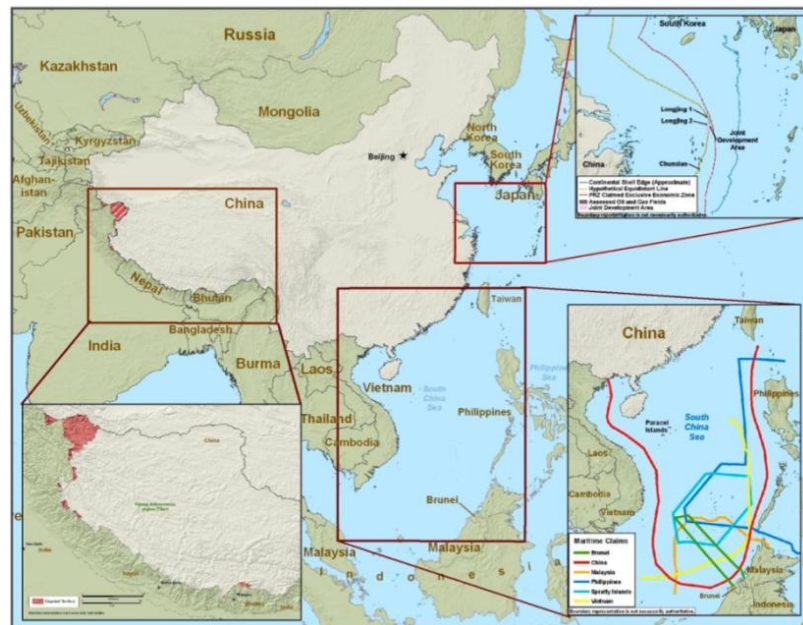


Fig. 7 - Áreas de disputa territorial da RPC³⁷

Ao tomar consciência das limitações das suas FFAA a RPC viu na aviação a solução para as equilibrar, porém a operação na Sérvia em 1999, demonstrou que apenas o poder aéreo não seria suficiente para alcançar objetivos políticos e estratégicos decisivos, pondo em causa a sua estratégia relativa a *Taiwan* (Vasconcelos, 2007, p. 116). Ficando clara a necessidade de modernização naval em coordenação com a aérea, uma vez que esta capacidade é indispensável para a defesa das reclamações territoriais relativas a *Taiwan* e ao Mar da China Meridional bem como para defesa de recurso económicos e sociais nessas costas (Swaine & Ashley, 2000, pp. 13-22).

Atualmente a sua estratégia genética ainda se mantém orientada para a defesa territorial, embora gradualmente comece a ganhar uma forma expedicionária, no entanto

³⁶ Guerra da Coreia (1950-53); crises no estreito de Taiwan (1954-55 e 1958); Guerra com a Índia (1962); conflitos fronteiriço com a URSS (1969); Vietname (1979); Ilhas Paracel (1988); exercícios militares no estreito de Taiwan (1996)

³⁷ Disponível em: *Annual report to congress 2011 - Military and Security Developments Involving the People's Republic of China* (Office of the Secretary of Defense, 2011, p. 16)

com atraso tecnológico significativo relativamente às principais potências. Um exemplo disso foi a “corrida” da RPC ao espaço, tornando-se o terceiro País a conseguir enviar uma missão tripulada. Com evidentes limitações comparativamente aos EUA e à ex-URSS, não deixaram de colocar um satélite em órbita em 1970, embora “pouco mais tenha feito que transmitir o hino comunista da China” (Murray & Antonellis, 2003, p. 646). A partir dessa data mantém o programa e por volta do ano 2000 já havia desenvolvido e lançado dúzias de satélites com uma taxa de sucesso de cerca de 90%, tornando-se no quinto país mundial³⁸ a lançar independentemente satélites de telecomunicações e geoestacionários, e terceiro³⁹ na recuperação de satélites.

Os principais desafios dos potenciais desenvolvimentos militares que se apresentam à RPC segundo Heitor Romana (2005), são:

- O reforço da aliança de defesa entre os EUA e o Japão.
- As capacidades militares e nucleares da Índia;
- Instabilidade nos estados Islâmicos da Ásia Central;
- Disputas territoriais nos mares da China.



Fig. 8 - Espaço Estratégico da RPC - Choke points das Importações da RPC⁴⁰

³⁸ Depois dos EUA, da Rússia, Agência Espacial Europeia e do Japão.

³⁹ A seguir aos EUA e da Rússia.

⁴⁰ Disponível em: *Annual report to congress 2011 - Military and Security Developments Involving the People's Republic of China* (Office of the Secretary of Defense, 2011, p. 22)



b. Estratégia de Modernização Militar

A modernização da RPC no campo militar tem-se orientado no sentido de incrementar as suas potencialidades⁴¹ e reduzir as suas vulnerabilidades⁴² por forma a adquirir uma capacidade de projeção de força credível. No relatório de segurança ao congresso dos EUA (Office of the Secretary of Defense, 2011) sobre o *White Paper* da RPC (CGOWeb, 2011) publicado a 31 de Março de 2011, estão elencados os seus quatro objetivos nacionais para a área militar:

- Proteger a manutenção da harmonia e estabilidade social;
- Defender a soberania e eliminar as agressões, salvaguardar as periferias nacionais e áreas de interesse nacional⁴³;
- Acelerar a modernização das FFAA e a capacidade tecnológica do país;
- Colaborar na manutenção de estabilização da paz mundial⁴⁴.

A questão de Taiwan continua a ser um dos principais focos dos esforços de modernização convencional da RPC (Swaine & Ashley, 2000, p. 126).

c. Evolução das Capacidades Militares da RPC

O Relatório Anual ao Congresso dos EUA de 2011 (Office of the Secretary of Defense, 2011) faz uma descrição das capacidades militares da RPC, situação essa também desenvolvida por Alexandre Carriço (2008) num artigo seu sobre capacidade militar da RPC (encontra-se um excerto do artigo no anexo E).

⁴¹ Capacidade nuclear.

⁴² Capacidade convencional e tecnologia.

⁴³ Dissuadir os impulsos independentistas de *Taiwan*, manter pressão sobre reivindicações territoriais, reforçar capacidade para lidar com focos de instabilidade étnica nas fronteiras.

⁴⁴ Participações em missões no âmbito das NU e operações no Golfo de Aden.



Mas mais importante do que analisar o processo de investimento e modernização em curso será perceber o poder que dele pode ser retirado, mesmo com um embargo à venda de armas, um facto é que as despesas com a defesa da RPC situam-se entre 1,5 a 2% do seu PIB. Assim se recordarmos o capítulo do poder económico e fizermos um simples exercício de associação da evolução do PIB e a respetiva parcela em valores absolutos que é investida na defesa certamente nos fará refletir. Embora continue muito aquém dos EUA, como pode ser verificado na tabela 3.

	1991 (a)	2008 (a)	Crescimento (%)	% do PIB (2007)	Capitação 2008 (b)
Alemanha	55,1	37,2	-32,5	1,3	451
Arábia Saudita	17,3	33,1	91,3	9,3	1178
Canadá	13,9	15,9	14,4	1,2	479
China	13,7	63,6	364,2	2	48
Coreia (Sul)	12,9	23,8	84,5	2,6	492
Espanha	11,5	14,7	27,8	1,2	363
EUA	401,9	548,5	36,5	4	1803
França	57,7	52,6	-8,8	2,3	821
Holanda	10,7	9,9	-7,5	1,5	596
Índia	11,2	24,7	120,5	2,5	22
Inglaterra	62,3	57,4	-7,9	2,4	943
Irão	1,3	6,1	369,2	2,9	93
Israel	10,6	12,1	14,2	8,6	1704
Itália	29,6	32,1	8,4	1,7	552
Japão	40,4	42,8	5,9	0,9	336
Paquistão	3,3	4,2	27,3	3,1	24
Portugal	3,2	3,8	18,8	2	355
Rússia (c)	42,5	38,2	-10,1	3,5	271
Turquia	10,4	11,7	12,5	2,1	154
Ucrânia	0,34	3,2	841,2	2,9	70

(a) Valores em 1000 M dólares de 2005 (constantes)
(b) Valores em dólares de 2005
Rússia, valores de 1992
Fonte: SIPRI - Stockholm International Peace Research Institute

Tabela 2 - Evolução das Despesas militares da RPC⁴⁵

A China como grande potência económica, poderá naturalmente aspirar a tornar-se numa superpotência militar, apesar de nesta corrida não estar sozinha. Para além da RPC ter em curso um esforço de modernização das suas forças e meios militares, também outros atores na região o têm feito. Exemplos disso são a Austrália, o Japão, Singapura, Coreia do Sul e Taiwan (Military Technology, 2004).

Mas não será demais referir que a RPC continuar a sofrer de constrangimentos relacionados com limitada capacidade de investigação e desenvolvimento, fracas indústrias de defesa, equipamentos de defesa ultrapassados, e a manutenção da cultura militar centrada no número de efetivos, em detrimento da tecnologia, certamente poderão inviabilizar as intenções relacionadas com capacidade de discutir a questão de Taiwan e desafiar os EUA.

Síntese Conclusiva:

Se relacionarmos apenas o crescimento económico em curso com a percentagem do PIB investida para a área militar, somos automaticamente direcionados para uma capacidade avassaladora em projeção com eventual risco para a atual ordem mundial.

É inegável a “revolução silenciosa” em curso no poder militar chinês, mas também é certo que o atraso e a obsolescência também demorará a ser superado, acentuando-se

⁴⁵ Disponível em: <http://www.anarkismo.net/attachments/oct2009/nato2.jpg>.



aqui os constantes embargos à venda de armas originados em temas relacionados com os direitos humanos.

Mantendo-se tanto o crescimento económico, como também o investimento na área militar, a tendência será a aproximação dos valores anuais de investimento aos EUA porém tal não significa exatamente que os supere quer em capacidades quer no valor intrínseco de cada equipamento.

A China começa a representar um poder cada vez crescente a nível mundial, mas o seu alcance atual ainda continua muito aquém da escala global dos EUA. Os seus principais entraves mantêm-se relacionados com o acentuado atraso tecnológico e a interdependência militar com as questões económicas, uma vez que uma eventual queda económica põe em causa a militar.

Taiwan e o acesso às *blue waters* mantêm-se como motivação para o investimento militar da RPC, mas também na região identifica-se outros atores importantes atores que disputam uma posição de relevo com a RPC, são eles o Japão, a Rússia, a Índia e mesmo a Austrália e claro os EUA. Embora atualmente se verifique alguma estabilidade mas a China tem como vimos na região atores de relevo, que com capacidades e vontade podem disputar os seus objetivos estratégicos.

No atual mundo cada vez mais complexo, o facto de possuir exclusivamente armas nuclear podem *per si* só não significar um meio de dissuasão porque existem sempre os dilemas no seu uso e efeitos destrutivos, com as demonstrações de capacidade militares dos EUA torna-se claro para a RPC a necessidade de evoluir e adequar-se aos padrões atuais porque embora o seu poder económico seja já colossal, num quando se atinge uma situação de ausência de diálogo possível envolvendo interesse vitais para a sobrevivência de uma país sobra a capacidade militar credível e quem não a tem, sujeita-se exclusivamente à vontade e interesse de quem a possui, posto isto, não validamos a H2.

Uma das principais ambições da RPC ao longo da sua história relaciona-se com questões territoriais e na proteção dos seus interesses regionais, mas neste ponto não podemos dissociar a questão de *Taiwan*, e a ligação que o Japão mantém com os EUA.

Um investimento militar por parte da RPC para fazer face à atual posição dos EUA, seria um cenário de baixo nível de probabilidade, pois se por um lado a RPC está a investir, os EUA mantêm-se destacadíssimos nesta área, com uma capacidade tecnológica de ponta. A RPC terá certamente intenção de equilibrar os seus três pilares de poder, e diminuir o *gap* que tem atualmente.



Falando de poder, e apenas o reclama quem o tem, será uma questão de tempo o relançar da questão de *Taiwan*, embora na atualidade a RPC não tem poder para a reclamar aos EUA pelo que uma eventual cedência, seria mais por vontade americana e não por imposição da RPC.

Por último a RPC tem de fato valorizado as suas capacidades militares que gradualmente lhe irão favorecer uma posição de maior relevo na região, porém as suas limitações já elencadas anteriormente dificilmente lhe poderão conferir condições para se assumir com a potência regional a este nível principalmente tendo em conta os objetivos norte americanos. No entanto considera-se que o seu paradigma militar não é estanque, está em crescimento como podemos verificar no anexo E, e virá gradualmente habilitá-lo a todos os níveis, conferindo-lhe o seu lugar na região consensualmente atribuído, respondendo-se assim à QD2, validando-a.



4. Poder Político e Cultural

“As nações não têm inimigos permanentes, mas têm interesses permanentes”

Winston Churchill (Sousa, 2010)

As opções e orientações políticas da RPC têm sido direcionadas primariamente para apoiar as reformas económicas e a abertura ao mercado exterior, consubstanciando-se no processo de acelerado crescimento económico. Para analisar o poder, i.e. as mais-valias que podem advir da sua posição no contexto internacional, pretende-se interligar a capacidade de influenciar, quer a nível interno quer regional, projetando-se também no plano internacional. Para tal será relevante analisar o seu papel a nível regional, os EUA e as suas posições na região, com o qual alguns interesses podem também colidir, a ONU, e a política de vetos no conselho de segurança em todas as resoluções que colidam os seus interesses, a OMC, a ASEAN+3, e perceber a forma como tal contribui para a sua posição atual e para as relações de poder envolvidas.

Ao nível Cultural tem-se verificado também uma dispersão da sua população a nível internacional, facilitando assim um acesso privilegiados à sua cultura, forma de pensar, agir chinesa. Fica assim também acessível o seu *modus operandi*, e a sua cultura ainda muito difícil de compreender para as sociedades ocidentais, permitindo também uma aculturação à China encorpendo a sua vertente de *soft power* chinês.

Na atualidade os processos de gestão política do PCC assumem-se da maior importância, como consequência do processo de abertura económica e dos seus efeitos na organização social e no sistema de poder. O seu crescimento, a nível macro, torna a RPC num ator incontornável no sistema internacional e na balança de poderes, reforçando a sua posição ao nível estratégico e no processo de tomada de decisão (Romana, 2005, p. 23).

As relações entre a RPC e o mundo desenvolvido têm sido pautadas pela têm oscilado significativamente, para isto muito tem contribuído o antagonismo entre a economia capitalista da RPC (fator de aproximação) e o seu regime comunista (fator de distanciamento) que se mantêm muito distante dos ideais democráticos ocidentais, e questões relacionadas com os direitos humanos.

A nível interno a mudança de paradigma careceu também de um processo de mudança e adaptação, que também representa um desafio à própria capacidade do seu regime, tendo em conta a existência de duas visões distintas:



Do lado dos sectores “conservadores” e “reformistas” a sua estratégia tem sido orientada para a manutenção do poder dentro de uma conjuntura geopolítica centrada no poder económico; outra que materializa os dilemas da assimilação de valores e tecnologias ocidentais sem perder os seus próprios valores culturais, ou seja, a modernização da economia e das FFAA sem se por em causa o PCC (Pye, 1992 cit. por Romana, 2006, p. 38).

A solução que tem vindo a ser considerada centra-se na relação entre o Partido e o Estado, por norma em todas as sociedades totalitárias comunistas estão interligadas, com um papel dominante do Partido, neste caso o PCC é o “Estado do Estado” (Guo, 2000, p.80 cit. por Romana, 2006, p. 38). Todas as decisões-chave desde 1949 são tomadas fora do Governo, centralizadas no Partido.

Partido (segundo conceção da RPC) (Romana, 2005, pp. 38-41):

- É concebido como uma “vanguarda” revolucionária do proletariado, um partido elitista atuando em nome de toda a sociedade.
- Exerce o princípio do “centralismo democrático”, que se materializa num controlo centralizado de poder.
- Reclama ter a missão histórica de transformar a sociedade e o homem por forma a mobilizar uma grande participação política nos programas e nas campanhas de transformação.

No decénio de 70, havia a perceção de que os problemas da sociedade chinesa, económicos, organizacionais, ideológicos e demográficos, dariam uma margem confortável e gradual de crescimento da RPC (Lampton, 2008, p. 3). Para isto muito contribuíram as políticas aplicadas desde 1949 até 1977, refletindo a definição de *Mao Tsé Tung* “*War and revolution*”⁴⁶ de reorganização interna, políticas de produção económica e de isolamento intelectual, alteradas com a sucessão de Mao por Deng Xiaoping e a sua redefinição para “*peace and development*”⁴⁷.

Com Deng Xiaoping, substitui-se gradualmente o apelo revolucionário para posições que conferissem uma dimensão ideológica de poder e inegável supremacia (Lampton, 2008, p. 10). É imposto o “*biaotai*”⁴⁸, mantendo-se no entanto na génese os

⁴⁶ Mobilizado a China e o povo chinês num ambiente de revolução preparando-os para a longa caminhada até aos dias de hoje.

⁴⁷ Num ambiente mais estável, mantendo o racional de mobilização reorientando para um ambiente estável que permitisse condições para o seu progresso.

⁴⁸ Falar abertamente.



ideais de Mao “usar o pensamento genuíno de Mao, como guia do nosso partido” (Deng Xiaoping, 1993).

Representava claramente a intenção de compelir os quadros superiores do Partido a darem o seu apoio aberto às orientações do Partido, ou seja, ideologia semelhante “ideologia total”, mas com forte ambição para a RPC do futuro, centrando-se na modernização e na luta pela liderança (Romana, 2005, p. 50). Caminhou-se no sentido da modernização e investimento ocidental por forma a recuperar “algum” atraso com especial enfoque na promoção do investimento de capital externo, tecnologia e técnicas de gestão capitalistas, sem que fosse posta em causa a identidade nacional ou se subvertissem a ideologia oficial.

Tal implicou novos poderes mas também poderá significar novas ambições, habilitando a quem tem mais capacidade a tentativa de aspirar a hegemonia da sua região ou principalmente assegurar que nenhum dos seus principais rivais o faz (Liang, 2007, p. 3). Como tal não seria de estranhar uma pretensão da RPC em dominar a Ásia à semelhança do que os EUA fazem no Ocidente, mas para tal também implicará um “choque” e redução da influência de dois dos seus vizinhos mais poderosos da região, a Rússia e o Japão.

Com o aumento dos receios envolvendo a paz mundial, em 2004 já com Hu Jintao no poder, a RPC reforça a posição das principais figuras do Estado no sentido de reforçar a mensagem de que RPC irá elevar-se e ocupar a sua posição legítima no poder global, mas de forma pacífica. A RPC tenta assim contrariar o racional de novos poderes, com a intenção de não causar qualquer sofrimento humano ou confronto militar, mas sim um processo de paz que irá promover a paz e beneficiar todos os países que com ela cooperarem economicamente (Mearsheimer, 2001).

A “idiossincrasia do povo chinês está ligada à ética confucionista e a uma certa ideia de pacificidade no relacionamento entre os indivíduos, que se devia reproduzir ao nível estatal” (Martins, 2006, p. 41). Esta ideologia está diretamente relacionada com o humanismo defendido por Confúcio (551-479 a.C.), orientando-nos para o sentimento de harmonia e pacificidade na sua ascensão mundial, e no sentido de manutenção do *status quo* existente. Aliás recuando no tempo já o pensador e estratega militar chinês Sun Tzu (2009), defendia que a melhor estratégia seria conhecer muito bem o inimigo para o coagir a dar-se como derrotado sem ter a necessidade de combater, que indiretamente está associado à não necessidade de emprego de força.



Este racional tem-se mantido ao longo da história da RPC, foi preferencialmente considerado a ideia de paz e harmonia, que continua a marcar a cultura estratégica chinesa, refletindo-se esses ideais na sua formulação política ainda nos dias de hoje. No seu passado são de assinalar os conflitos com povos nómadas do Norte, pois tais punham em causa a ordem e a sua soberania. Estabelecendo-se a regra de cooperações e acordos por forma a resolver pacificamente os interesses associados, disso foram exemplo o “sistema dos reinos tributários”⁴⁹.

O emprego de força da RPC teve sempre como motivação questões territoriais, fossem estas relacionadas com a proteção ou o alargamento do seu território. Ou ainda territórios que a RPC achava direito legítimo em os reclamar, mas nem com Mao Tsé-Tung, a RPC se orientou para uma política expansionista pelo contrário, defendia que a RPC era uma potência regional, mas que nunca devia procurar a hegemonia mundial (Martins, 2006, p. 42).

Na conjuntura atual, a tendência do SI é a multipolaridade económica e tecnológica. Com o crescimento concertado da RPC será natural que a sua política externa seja orientada para a criação de um ambiente internacional favorável aos seus objetivos económicos e a um aliviar à pressão que é exercida ao seu regime, em que as questões dos direitos humanos são um exemplo claro (Romana, 2000, p. 298).

Uma das principais preocupações da China consiste em reforçar os seus laços com os países industrializados, pois daí advém investimento e tecnologia, podendo perfeitamente aproveitar as suas crescentes capacidades económicas como forma de apoio e de potenciar às suas relações externas. Havendo mesmo a perceção nas elites da RPC que a atual “parceria” com os EUA trará vantagens estratégicas durante os próximos vinte anos, uma vez que lhes irá conferir as condições ideais para a edificação das suas capacidades económicas, militares e a consolidação mundial do seu poder como nação, permitindo-lhes defender os seus interesses estratégicos (Lampton, 2008, p. 2).

Em relação à ONU e a RPC é um dos cinco países com assento permanente no conselho de Segurança das NU. As suas posições nas NU têm sido ajustadas aos seus interesses, apoiando ou vetando resoluções de acordo com os seus objetivos estratégicos, um exemplo foi o apoio dado aos EUA ao votar a seu favor no dia 8 de Novembro de 2002

⁴⁹ Na dinastia de Han (206 a.C.-220 d.C), os reinos vizinhos reconheciam na China a sua superioridade, oferecendo um tributo em troca de paz e segurança sem nunca por em causa a sua independência.



a resolução 1441⁵⁰ do conselho de segurança. Esta resolução desencadeou a segunda operação no Iraque de Saddam Hussein.

Basicamente a sua posição nas NU tem sido orientadas para os seus interesses particulares, estando atualmente empenhado em apoiar e atribuir forças militares para operações definidas por esta organização, também como forma de demonstração das suas capacidades, retirando em simultâneo reconhecimento e prestígio.

As questões relacionadas com os direitos humanos, destacando-se os acontecimentos de Tiananmen e a prisão continuada de Lui Xiaobo⁵¹, têm também desencadeado críticas ferozes, mas também algum silêncio para evitar fricções com a RPC. Na verdade contribuem para uma imagem pouco positiva da RPC, tal como as suas cooperações com Estados como o Sudão e o Irão, para satisfazer as suas necessidades energéticas.

A RPC divide com os EUA o estatuto de G2, muito graças à sua posição económica uma vez que dificilmente a RPC irá abandonar as suas crenças e tradições culturais, entre as quais um estilo de vida ocidental dificilmente se enquadraria, assim como uma maior liberalização e democratização do seu sistema político mesmo com pressão do SI para que tal acontecesse. Um exemplo disso são as manifestações nacionalistas e antiamericanas após o bombardeamento da Embaixada chinesa em Belgrado (Martins, 2006, p. 43).

Por último é clara a demarcação de aspirações hegemónicas da RPC, relativamente a um desafio à posição dos EUA, principalmente se implicar o uso da força com foi tentado no passado pelo Japão ou Alemanha (Martins, 2006, p. 46), sendo o discurso do Presidente chinês, Jiang Zemin numa reunião da ASEAN em 2002, um bom exemplo desta posição, focando-se em quatro elementos: confiança mútua, benefício recíproca, igualdade e cooperação. De seguida passam-se a descrever:

“Confiança mútua significa que todos os países deviam ultrapassar as suas diferenças de ideologia e sistema social, abandonar a mentalidade de Guerra Fria e da política de poder, e abster-se da suspeita e hostilidade mútuas. Deviam manter um diálogo frequente e disponibilizar relatórios sobre as suas políticas de segurança e defesa e grandes operações militares”.

⁵⁰ Embora tenha quase desencadeado uma crise ao efetuar pressão a ações diplomáticas com o Paquistão (na altura com assento não permanente no Conselho de Segurança) para ser retirada a expressão “serious consequences” Disponível em <http://www.un.org>.

⁵¹ Prémio Nobel da Paz atribuído ao ativista chinês Liu Xiaobo, “pela sua longa e não violenta luta pelos direitos humanos fundamentais na China” (Borja-Santos, 2010).



O benefício recíproco significa que todos os países deviam preencher as necessidades objetivas de desenvolvimento social nesta era de globalização, respeitar os interesses de segurança de cada um e criar condições para a segurança dos outros, enquanto assegurarem os próprios interesses de segurança com vista a alcançar a segurança comum. A igualdade significa que todos os países, grandes ou pequenos, são membros iguais da CI e devem respeitar-se mutuamente, tratar-se como iguais, abster-se de interferir nos assuntos internos de cada um e promover a democratização das relações internacionais. A coordenação significa que todos os países devem procurar a resolução pacífica das suas disputas através da negociação e promover uma cooperação alargada e profunda em assuntos de segurança e interesse comum, como forma de eliminação de potenciais perigos e evitar a eclosão de guerras e conflitos” (Zemin, 2002 cit. por Martins, 2006 p.45).

Mas a verdadeira revolução silenciosa neste campo tem sido ao nível cultural, o sonho americano tem vindo gradualmente a ser substituído pelo sonho chinês. A gradual degradação norte-americana e da sua sociedade como consequência da atual crise que tem assolado o mundo, permitiu à RPC perfilar com alternativa credível, exercendo um fenómeno de atração quer em termos de formação da sua população, quer de estrangeiros no seu país, quer mesmo de quadros qualificados que vêm na RPC uma hipótese de sucesso, riqueza e prosperidade.

Outro exemplo é a procura de domínio do mandarim, para além de ser a língua mais falada no mundo, tem vindo a ser a despertar cada vez mais o interesse internacional, e na sua inclusão no leque de línguas faladas e escritas, pois tal pode abrir um novo leque de oportunidades de trabalho (Lenglet, 2011). O *soft power* Chinês é muitas vezes desvalorizado mas gradualmente vai ganhando o seu peso internacional e a sua capacidade de mobilização, embora frequentemente não lhe é dado o devido valor.

Síntese Conclusiva:

A RPC sofreu um significativo processo de transformação política e social com início no ano de 1949. As suas reformas, políticas e estruturais foram orientadas no sentido de preparar o país para a abertura ao mercado e para engrandecer a nível económico. As suas posições políticas têm servido para apoiar a sua economia, mas sempre associadas a uma mensagem de paz, equilíbrio e harmonia, por parte do seu governo relativamente a países desenvolvidos, vizinhos e do terceiro mundo.

Tem-se verificado uma clara intenção de aproximação ao ocidente pois assim consegue o apoio necessário para a manutenção dos seus objetivos a curto e longo prazo. A



sua ligação aos EUA é clara pois partilham interesses e receios mútuos, aparenta claramente maior interesse na manutenção da estabilidade regional e mundial uma vez que um conflito iria certamente dificultar as suas exportações, importações e a satisfação de recurso necessários à concretização dos seus objetivos.

A RPC tem constante financiamento a economia mundial, e em particular da dos EUA, uma vez que a ausência de capital económico também iria ter impacto na sua própria economia, mas também tem mantido um discurso coerente da RPC ao longo dos variados anos orientando sempre para a estabilidade, assim como as suas posições políticas em qualquer um dos variados fóruns internacionais tem sido sempre no sentido da manutenção do *status quo* e não na alteração da ordem atual, orientado a RPC sempre o seu pensamento para a paz e harmonia. Não deixa de estabelecer uma fronteira declarada entre problemas internos e externos, grande parte dos seus conflitos derivaram de questões territoriais, a dificuldade atual centra-se em regiões “disputadas” que para a RPC trata-se de problemas internos antevendo a utilização de força se necessário, posto isto validamos a H3.

Relativamente à QD3 a RPC partilha com os EUA o estatuto de G2, a nível regional tem três países relevantes e com peso significativo a nível internacional, o Japão, a Índia e a Rússia. Começando pela Rússia é atualmente um gigante adormecido, envolvido em problemas estruturais dos quais destacamos a falta de população em relação ao seu território e toda a falta de bases estruturais que estiveram na origem da sua implosão.

A Índia é uma dos emergentes de sucesso na região com o qual a China teve conflito regionais pela disputa de uma parte da Caxemira que mantém também um conflito gelado com o Paquistão pela mesma região. Embora relevante não teve o mesmo índice de sucesso e peso económico e cultural que a China teve decorrente da sua ascensão mundial.

Por último o Japão parceiro dos EUA está naturalmente ligado às opções deste último embora tenha sido desde sempre a sua principal ameaça. Assim sendo consideramos que a posição da RPC não se assemelha a qualquer um dos atores regionais, e que gradualmente irá reunir as condições necessárias para assumir tal posição, mantem-se sempre a questão de fundo se terá ou não interesse que tal aconteça pois para o ser não há necessidade de o assumir, que de fato tem sido transversal ao longo da sua história.

5. Projeção de Cenários Estratégicos

A RPC foi durante largos anos, um gigante adormecido que se tem gradualmente reposicionado na “cena” internacional. Analisando a sua idiossincrasia originária de Confúcio, a resposta será uma ascensão pacífica. Mas também já vimos que as ambições



variam de acordo com o poder que detemos, podendo estas aumentar de acordo com o *ranking* que ocupamos na balança de poderes mundiais. O seu discurso enaltece a noção de paz, mas tal não deverá afetar os seus interesses relativamente a temas que para si são claramente internos. A sua estratégia passa principalmente pela reunificação do seu território (não perder pontos estratégicos, tais como Taiwan); capacidade económica e melhoria das condições sociais no seu território; legitimar o seu regime; melhorar o nível tecnológico e militar, para melhorar também a sua influência na CI (Swaine & Ashley, 2000, p. 112), relegando para segundo plano questões dos direitos do homem a que vulgarmente é associada.

Seguidamente analisam-se três cenários que na nossa perspetiva enquadram as principais evoluções possíveis da RPC no SI, abordando os três pilares de poder que têm sido estudados no presente trabalho.

a. Cenário 1 – Estagnação

Após a análise poder chinês a viabilização de um cenário deste género estará certamente associado a questões políticas ou económicas. Ao nível político o pior cenário para a RPC está naturalmente associado a uma inflexão na sua conjuntura política, como consequência do retomar de um regime mais marxista ortodoxo, que levasse o país novamente a uma economia fechada.

Na atualidade a RPC faz parte integrante do sistema, e como vimos antes a sua economia está perfeitamente integrada nas principais instituições, uma saída atualmente seria certamente difícil de se concretizar ou mesmo impossível pelo *crash* que causaria no sistema financeiro internacional.

Internamente as assimetrias sociais, o bem-estar, conceção de vida e qualidade de vida da população chinesa assumem-se como um dos seus principais dilemas. Uma opção deste género dificilmente seria aceite internamente pois iria implicar um retrocesso significativo em todos os aspetos associados à qualidade de vida, que tem vindo a evoluir para padrões ocidentais, certamente iria resultar numa forte contestação social, desemprego, crise e impasse na ordem mundial.

As questões económicas, estão interligadas à política. Uma eventual contração do exterior teria impacto no seu crescimento económico, assim como um embargo às suas exportações teria consequências catastróficas não só para a RPC, mas também para os restantes países.



Em relação aos EUA, a RPC possui uma significativa parte da sua dívida externa assim como o Japão, porém este fator a ser afetado enquanto se mantiver a atual interligação entre os dois países, implicará também uma partilha de danos colaterais. Não deixa de ser curioso o fato da RPC continuar esta política de financiamento, incrementando também este dilema, embora seja compreensível uma vez que uma ausência de capital nos EUA implicará também danos severos na sua economia, uma vez que os EUA são o seu principal importador.

Numa situação extrema em que o seu Sistema Político deixe de ser capaz de dar resposta aos problemas económico-sociais, de garantir a segurança, estabilidade e bem-estar poderíamos passar diretamente a um cenário de implosão. A RPC começou a visualizar a forma de vida ocidental, e dificilmente continua a aceitar a precariedade em que vivia, mesmo com os sucessivos esforços para bloquear por exemplo páginas da Internet que choquem com os ideais do Partido Chinês. Um reflexo claro é a crescente insegurança e aumento da criminalidade que o país tem vindo a sentir muito associado às assimetrias sociais.

Embora possíveis, tratam-se de cenários pouco prováveis tendo em conta que o regime chinês tem sido capaz de conter qualquer iniciativa que vise alterar a ordem e a lei, mesmo que implique por em causa os direitos humanos, além de mostrar uma elevada capacidade de gestão interna e perturbações ao sistema, sem impacto direto no poder militar (Vasconcelos, 2007, p. 195).

b. Cenário 2 – Manutenção do status quo

Outro cenário possível é a manutenção do *status quo*, diretamente ligada a um processo de crescimento ou evolução gradual, englobando os três pilares de poder anteriormente elencado num processo de ocupação natural da sua posição estratégica sem intenção declarada de quebrar o atual *status quo* num curto espaço temporal. Tal agradará particularmente às restantes potências mundiais, e em especial aos EUA, porque é a situação que menos perigo representa à sua atual posição (Vasconcelos, 2007, p. 199).

O PCC tem sistematicamente reforçado a noção de “ascensão positiva”, para caracterizar as suas intenções futuras, enunciando não ter qualquer intenção de assumir uma posição de maior relevância que implique o desafio direto à posição hegemónica dos EUA, mas também várias são as reticências que tivessem nos próximos 30 a 40 anos capacidade para tal.



Um aspeto muitas vezes apontando relaciona-se com a crença de que o processo económico em curso poderá amaciar algumas posições mais extremistas no sentido de proporcionar alguma liberalização política e o efeito pacificador inerente⁵².

Ainda no plano económico com a abertura aos mercados cria-se uma interligação/interdependência económica que *per si* só não representa garantias de harmonia, mas garante uma certeza de que quer os EUA quer a RPC retiram benefícios desta situação, e teriam perdas com um eventual declínio, como é o caso da dívida pública norte-americana.

No campo militar como já vimos, a RPC tem ainda um longo caminho a percorrer, a sua alteração de paradigma de FFAA induz também para o aumento do seu índice de desenvolvimento que ainda é significativamente reduzido, não se perspetivando que num curto médio prazo tenha capacidade de fazer “sombra” aos EUA mesmo que cumprindo o desiderato de investir 2% do PIB em defesa. Ressalva-se porém o fato de ser um país com capacidade nuclear, mas esta capacidade é atualmente mais vista como meio de coação não implicando uma intenção efetiva do seu uso pelo poder destrutivo que implica (Vasconcelos, 2007, p. 199).

Neste cenário é também provável o continuar de uma propagação da sua influência cultural, quer na diáspora regional, quer a nível mundial fruto da sua enorme população e expansão demográfica-cultural. Um exemplo que é vivido em Portugal como meio de apoio à internacionalização da sua economia.

Com as suas posições na ASEAN+3 fica também consolidada no comércio local e a sua influência a nível regional, vendo nas suas parcerias com os EUA e a UE, a redundância suficiente para exportar os seus produtos e aquisição dos recursos e tecnologia que necessita. A RPC é uma potência emergente mas tem ou teve conflitos regionais com outras emergentes⁵³ que podem contribuir para a instabilidade regional. No entanto nos próximos 20 a 30 anos, o risco de colapso destas potências emergentes não está também totalmente afastado, nas quais subsistem problemas internos e estruturais, prevendo-se que o ideal será a manutenção de coligações, cooperação favorável a todas as partes (Vasconcelos, 2007, p. 200).

Resta o sempre presente problema de *Taiwan* e um eventual desafio aos EUA, do qual para Brzezinski (1997, p. 48) apenas poderia ocorrer com um “consentimento” dos

⁵² No sentido em que as democracias não combatem entre si, se a RPC caminhasse para essa opção certamente deixaria de representar uma ameaça.

⁵³ Índia e a Rússia.



EUA, viabilizando a posição da RPC, ao assumir que a posição estratégica de *Taiwan* deixasse de ser considerada como um interesse vital (Roos, 198), para o efeito poderias ver nas suas bases na ilha de Guam e no Japão como uma alternativa credível. Mas seria mais uma opção dos EUA do que uma imposição da RPC que dificilmente terá essa capacidade.

c. Cenário 3 – Desafio do status quo

O crescimento da RPC tem englobado os três pilares de poder, mas num cenário de desafio, tirando o económico, dificilmente a RPC teria sucesso ao assumir tal posição. O assumir desta poderá ser motivada por dois fatores, um deles relaciona-se com um eventual declínio dos EUA, outro com uma ameaça clara e declarada a interesses vitais⁵⁴. O racional associaria esses interesses a uma eventual ameaça à economia mundial aberta à economia chinesa, ou à negação do acesso a recursos considerados vitais para a RPC.

Tendo em conta que as duas nações já constituem o G2, um cenário de desafio iria certamente implicar um regresso do um mundo bipolarizado, contrariando a tendência do mundo multipolar assim como a mensagem que Pequim envia ao mundo com regularidade.

Mas falando de poder, como já vimos anteriormente necessitamos de capacidade e intenção, e aqui apenas os EUA ainda detêm as duas. Sendo pragmáticos, vontade ou intenção poderá estar nas ambições ou horizontes de variados Estados, mas de nada serve sem a capacidade, e aqui assume a capacidade militar um papel de particular relevância, tendo em conta que estamos a falar de força, ou do seu emprego. Embora o investimento neste campo da RPC tenha crescido acompanhando o seu PIB, continuam muito aquém dos EUA que sozinhos englobam o conjunto das demais “ameaças”.

Estamos claro a falar de emprego de força, porém vozes se levantam afirmando que não só será o que vai acontecer mas já está em curso mas de forma pacífica e camuflada. Aqui considera-se que a guerra já não se trava de forma clássica, é sim da responsabilidade dos políticos, banqueiros e cientistas. Se formos adeptos da teoria que a história é cíclica e se repete podemos fazer uma comparação a Sun Tzu “O grande capitão submete os exércitos sem combate, arrebatam as praças sem lhes levantar cerco, derruba as nações sem campanhas prolongadas. Assim poderá vencer o universo com forças sempre vigorosas, pois jamais as suas tropas se consomem no combate, e beneficiar do fruto intato das suas vitórias.” (Tzu, 2009), no qual podemos ter o Soft Power chinês em curso com efeito

⁵⁴ Interesses estratégicos, pelos quais se luta mesmo que a avaliação de risco inicial seja claramente desfavorável.



abrangentes orientado para as suas potencialidades, sem por em causa as suas vulnerabilidades militares.

Depois de adquirir significativa dívida pública americana, a próxima ofensiva serão os centros de decisão dos EUA (comprando empresas e bancos. Seguir-se-á uma inversão de investimento do oriente para o ocidente para adquirir cotas de mercado e tecnologia. Seguindo uma eventual internacionalização da sua própria moeda em concorrência direta com o dólar, que seria um forte desafio aos EUA em pedir empréstimos numa moeda que não a sua. Enquanto os EUA se endividam na sua moeda sofrem apenas uma ligeira pressão para reequilibrar o seu défice das finanças públicas e das contas externas, numa moeda estrangeira seria o descalabro do seu sistema financeiro e a ruína do seu país.

Por outro lado a China com a sua própria moeda não necessitaria de economizar tanto, poderia fazer subir os salários e o custo da mão-de-obra sem afetar as suas exportações e o seu crescimento económico (Lenglet, 2011, pp. 181-186).



Conclusões

No âmbito da temática que analisámos ao longo deste estudo centrado no poder, o qual definimos segundo Pascal Boniface (1997) como “O poder de um Estado resulta da combinação e do domínio dos elementos de poder e da vontade do Estado em os utilizar na cena internacional”. Para analisar os seus elementos caracterizamos os três pilares do Poder, o Económico e Tecnológico, o Militar e o Político e Cultural.

Foi realizada uma breve análise geopolítica e estratégica da RPC; projetando-se três possíveis cenários futuros, para se analisar a vontade e a forma de emprego por parte da RPC do seu Poder. Através da metodologia proposta validou-se as H1, H2 e H3, de seguida respondeu-se às QD inicialmente avançadas. Dos três cenários analisados, o que nos parece adequar-se mais à realidade da RPC no CI é o 2º cenário de acomodação pelos motivos já avançados na própria caracterização.

A RPC dispõem de um vasto território da maior população mundial (embora com problemas quer no controlo da natalidade quer no seu envelhecimento). A relação temporal Ocidental diverge da oriental, e o curto prazo do Ocidente tem pouca expressão no ideal da Nação milenar como é a RPC. Não será de estranhar que com a confirmação dos EUA como Nação hegemónica a nível mundial e o crescimento acelerado da RPC se associe a receio de turbulência e conflito. Por seu lado na RPC (sobretudo nas suas elites) é visto como um momento de “absorção” de recursos e *know-how*, prolongados no tempo, e poderão inverter a sua capacidade e poder.

No Poder económico, já não há dúvidas em relação ao seu crescimento acelerado, a abertura ao mercado globalizado, associada a reformas internas orientadas para a criação de riqueza e crescimento mostraram ser fatores de sucesso. O seu PIB é um reflexo da sua posição atual, reforçada pelas projeções de crescimento a curto prazo, assim como as suas reservas de moeda que tem financiado o mundo de forma generalizada e a dívida pública americana que lhe interliga aos EUA. Tem sido contido neste âmbito para moeda americana, no entanto caso tenciona se demarcar do dólar, certamente irá deixar os EUA numa posição de extrema fragilidade, mas ser muito favorável à RPC.

Em termos militares, o investimento tem-se mantido nos 2% do seu PIB, que anualmente tem crescido e em números representa um valor muito significativo, porém as suas FFAA ainda são gigantescas e o seu atraso tecnológico ainda tem um longo percurso para percorrer, acrescendo aqui o embargo à venda de armamento percebe-se que mais do que a quantidade é a falta de valor real e efetivo para a realidade atual.



Dos três pilares o mais difícil de operacionalizar é sem dúvida o político, tendo em conta que a RPC é um regime comunista, que funciona economicamente como capitalista. Considerar que se poderá reorientar quer para comunista radical ou sociedade democrática semelhante às ocidentais poderá ser um grande exercício de retórica ou de probabilidades.

A realidade é que o país tem tido a habilidade de tornar a sua economia, investimento e mão-de-obra atrativas ao exterior, que em muito tem contribuído para o seu desenvolvimento económico, e principalmente lidando com mão-de-ferro para conter qualquer ação que ponha em causa o Partido (podemos encontrar exemplos disto ao nível dos direitos humanos, pena de morte, prisioneiro políticos, limitação do uso de novas tecnologias de informação). As suas posições nas variadas OI têm sido orientadas para apoiar os seus objetivos estratégicos.

Após a análise feita, reforçada por três cenários estudados, consideramos reunidas as condições para se sintetizar a resposta à QC “A ascensão da China no sistema Internacional tem vindo a ser confirmada nos três pilares de Poder, no entanto terá a China capacidade, poder e interesse para alterar o atual *status quo* adequando-o aos seus interesses condicionando o xadrez Mundial?” que tem vindo a ser respondida ao longo do trabalho.

Em relação ao interesse em alterar o atual *status quo*, levanta-se imediatamente uma conclusão, tal não terá forçosamente que estar associada *hard power*, podendo a RPC ter outras formas ao seu alcance de orientar o xadrez mundial aos seus interesses.

A nível do *hard power*, como já verificámos, nas condições atuais a RPC dificilmente teria sucesso numa opção deste género, no entanto, existem outras formas de emprego de Poder, podendo estar em curso um cenário a nível do *soft power* com efeitos semelhantes. Neste caso centrados nas movimentações económicas e culturais pelo controlo alargado dos principais centros nevrálgicos do mundo, uma vez que a nível militar poderia ser um prenúncio de fracasso, mas fica sempre uma questão no ar por responder que entra no campo ideológico, mesmo que a RPC tenham a capacidade para tal, terá também a vontade, uma vez que implicará também maior exposição, ou seja, responsabilidades e maior exposição a um futuro declínio....



Bibliografia

Livros:

- Aron, R., 2002. *Paz e Guerra entre as Nações*. s.l.:Fundação Alexandre de Gusmão.
- Arvanitis, R., Miège, P. & Zhao, W., 2004. Regards sur l'émergence d'une économie de marché. In: *Chine; un nouveau géant économique?*. s.l.:Problèmes économiques, p. 13.
- Balão, S., 2001. *A Fórmula do Poder. Elite, Partidos, Democracia e Corrupção Política no Pensamento de Moisei Ostorgorski*. Lisboa: ISCSP.
- Bandeira, L. A. M., 2009. *Geopolítica e Política Exterior. Estados Unidos, Brasil e America do Sul*. 1ª ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- Boniface, P., 1997. *Dicionário das Relações Internacionais*. Paris: Plátano - Edições Técnicas.
- Borja-Santos, R., 2010. Nobel da Paz atribuído ao activista chinês Liu Xiaobo. *Público*, Issue Mundo.
- Brzezinsky, Z., 1997. *The Grand Chessboard - American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*. Washington: Basic Books.
- Caetano, M., 1956. *Lições de Direito Constitucional e Ciência Política*. s.l.:s.n.
- Caetano, M., 1996. *Manual de Ciência Política e Direito Constitucional*. 6 Tomo I ed. Coimbra: Almedina.
- Cannon, T. & Jenkins, A., 1990. *The Geography of contemporary China*, London and New York: Routledge.
- Carriço, M., 2006. *De Cima da Grande Muralha - Política e estratégia de defesa territorial da República Popular da China*. Lisboa: Prefácio.
- Clausewitz, C., 1891. *Da Guerra*. s.l.:s.n.
- Couto, A. C., 1988. *Elementos de Estratégia, Vol. I*. Lisboa: IAEM.
- Davis, G., 1984. *World government, ready or not!*. Vermont, USA: Boosurge.
- Deng Xiaoping, 1993. *Selected Works of Deng Xiaoping*. III ed. Beijing: People's Publishing House.
- Desfarges, P. M., 1994. *Introdução à Geopolítica*. Lisboa: Gradiva - Publicações Lda.
- Finkelstein, D. M., 1999. "China's National Military Strategy". *The People's Liberation Army in the Information Age*, pp. 99-145.
- Godwin, P. H. B., 1999. "The PLA faces the Twenty-First Century: Reflections on Technology, Doctrine, Strategy, and Operations". In: *China's military*. New York: M.E. Sharpe.



- Gilpin, R., 1987. *"The Political Economy of International Relations"*. Princeton: Princeton University.
- Huntington, S., 2001. *"O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial"*. s.l.:Gradiva.
- Izraelewicz, E., 2005. *Quando a China mudar o Mundo*. Porto: Âmbar.
- Júdice, J. M., 1983. *POLIS – Enciclopédia VERBO da Sociedade e do Estado*. s.l.:s.n.
- Kissinger, H., 2002. *"Does America Need a Foreign Policy? Toward a Diplomacy for the 21st Century"*. London: Simon&Schuster UK Ltd.
- Lampton, D., 2001. *"The Making of Chinese Foreign and Security Policy in the era of Reform"*. Stanford: Stanford University.
- Lampton, D., 2008. *The Three Faces of Chinese Power: Might, Money, and Minds*. Berkeley: UC Press.
- Lara, A. S., 2004. *Ciência Política - Estudo da ordem e da Subversão*. 3 ed. Lisboa: Instituto de Ciencias Sociais e Politicas.
- Lardy, N. R., 1994. *A China na Economia Mundial*, Washington, DC: Institute for International Economics.
- Lenglet, F., 2011. *A guerra dos impérios. A China contra os EUA.* Lisboa: Bertrand Editora.
- MacFarquihar, R., 1998. *The Politics of China*, Londres: Cambridge.
- Mackinder, H., 1942. *"The Geographical pivot of History"*. s.l.:s.n.
- Maquiavel, N., 1935. *"O Príncipe"*. Coimbra: Atlantida.
- Martins, D., 2006. China uma Emergência Pacífica?. *RI - Relações Internacionais*, Junho, pp. 39-51.
- Mearsheimer, J., 2001. *"The tragedy of great power politics"*. New York: Norton.
- Medeiros, E. R., 1998. *Blocos Regionais de Integração Económica no Mercado*. Lisboa: ISCSP - UTL.
- Military Technology, 2004. Asia's Evolution in Military Affairs. *Military Technology*, Novembro, pp. 31-39.
- Miranda, J., 1990. *Manual de Direito Constitucional, Tomo I*. Coimbra: Coimbra editora.
- Morgenthau, H., 1968. *"Politics among Nations"*. New York: Alfred A. Knopf.
- Morrison, W., 2003. *"China and the World Trade Organization"*. s.l., Congresso dos EUA, Research Service.
- Murray, W. S. & Antonellis, R., 2003. *China's Spatial Program: The Dragon Eyes the Moon (and US)*. 4 ed. s.l.:Orbis.



- Newman, J. v. & Morgenstern, O., 1944. *Theory of games and economic behaviour*. New Jersey: PUP.
- ONU, 2006. China: Seca prolongada deixa parte do país com falta de Alimentos - ONU, Roma: Lusa.
- Pye, L., 1992. *The Spirit of Chinese Politics and Asian Power and Politics*. Cambridge: Harvard University.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V., 2005. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, S., 2007. *Teoria Geral da Estratégia*. Lisboa: Editora Almedina.
- Romana, H., 2000. O Partido Comunista Chinês: Estrutura e Mecanismos de Decisão. In: *Separata do Livro Conjuntura Internacional 1999*. Lisboa: ISCSP-UTL, pp. 327-364.
- Romana, H. B., 2005. *Répubblica Popular da China - A Sede do Poder Estratégico*, Lisboa: Almedina.
- Romana, H. B., 2005. *Répubblica Popular da China - A Sede do Poder Estratégico*, Lisboa: Almedina.
- Sousa, F., 2005. *Dicionário de Relações Internacionais*. s.l.:Edições Afrontamento.
- Story, J., 2003. *La Chine sur la voie des réformes:métamorphose économique ou suicide politique*. 2 ed. s.l.:Politique Etrangère.
- Sujian Guo, 2000. *Post-Mao China. From Totalitarianism to Authoritarianism*. London: Praeger.
- Sutter, R., 2003-2004. Why does China Matter?. *The Washington Quarterly*(Winter).
- Swaine, M. & Ashley, T., 2000. *Interpreting China's Grand Strategy: Past Present and Future*. s.l., Rand.
- Tammen, R. L. et al., 2000. *Power Transitions: Strategies for the 21st Century*. New York: Chatam House.
- Tecnology, M., 2004. Asia's Evolution in Military Affairs. *Military Technology*, Novembro, pp. 31-39.
- The Economist, 2006. *The new titans, A survey of the wolrd economy*. s.l., s.n.
- Tzu, S., 2009. *Arte da Guerra*. s.l.:Bertrand.
- US Geological Survey, 2011. *Mineral Commodity Summaries 2011*, s.l.: US Geological Survey.
- Vasconcelos, T., 2007. *A ascensão da China, contributos para uma análise estratégica*. Lisboa: ISCSP.
- Viana, V. R., 2002. *Segurança Coletiva. A ONU e as Operações de Apoio à Paz*. Lisboa: Cosmos e Instituto de Defesa Nacional (IDN).



- Wallenstein, P., 2002. *Conflito é uma situação social na qual pelo menos duas partes lutam no mesmo momento para obter o mesmo conjunto de recursos escassos.* s.l.:s.n.
- Wang, J., 2005. China's Search for Stability with America. *Foreign Affairs*.
- Wang, J., 2005. *China's changing role in Asia*. Washington, Chinese Academy of Social Science.
- Weber, M., 1913. *Ensaio sobre a Teoria da Ciência*. s.l.:s.n.
- Yarger, H., 2006. *Strategic theory for 21st Century: The Little Book on Big Strategy*. s.l.:Carlisle,SSI.

Monografias e Artigos em série

- Bessa, A. M., 2011 . *Apontamentos disciplina de Geopolítica*. s.l.:Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Fogel, R., 2010. "86.000.000.000.000 - Valor estimado da economia da China em 2040". *Foreign Policy/ Edição FP Portugal*, Fevereiro/Março, pp. 48-53.
- Rapkin, D. & Thompson, W., 2003. "Power transition, Challenge and the (re)emergence of China". *Taylor&Francis Group*, p. 335.

Normas e Manuais

- IESM, 2007. *ME 71-00-08 - Elementos de análise geopolítica e geoestratégica*. Lisboa: IESM.
- IESM, 2011. *Norma de Execução Permanente 218*. Pedrouços: IESM.

Internet

- Carriço, A., 2008. *O Embargo de Armas à China: Motivações e Vulnerabilidades*. [Em linha] Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=293> [Acedido em 30 Março 2012].
- CGOWeb, 2011. *China white paper on peaceful development*, Beijing: The People's Republic of China - China Government Official Web page.
- EIA, 2010. *Energy Information Administration*. [Em linha] Disponível em: <http://www.eia.gov/countries/> [Acedido em 24 Março 2012].
- Fontoura, L., 2006. *"O Poder na relação externa do Estado"*. [Em linha] [Acedido em 2 Dezembro 2011]. Disponível em: [http://adelinotorres.com/africa/Luis%20Fontoura O%20poder%20na%20rela%20E7%E3o%20externa%20do%20Estado.doc](http://adelinotorres.com/africa/Luis%20Fontoura%20O%20poder%20na%20rela%20E7%E3o%20externa%20do%20Estado.doc)



Guoguang, W., 2004. *"The Peaceful Emergence of a Great Power?"*. [Em linha] Disponível em:

<http://search.proquest.com/socialsciences/docview/209669769/133600115081A8EBF7D/41?accountid=44269> [Acedido em 2011 Dezembro 2].

Helms, M. M., 1999. *How to be successful in China: A SWOT analysis*. [Em linha] Disponível em:

[http://search.proquest.com/flashviewer/213035673/\\$N/134701E8FA16F28BCB/17/14?accountid=44269](http://search.proquest.com/flashviewer/213035673/$N/134701E8FA16F28BCB/17/14?accountid=44269) [Acedido em 23 Janeiro 2012].

Liang, W., 2007. *China: Globalization and the Emergence of a New Status Quo Power?*. [Em linha] Disponível em:

<http://search.proquest.com/socialsciences/docview/215885079/133600115081A8EBF7D/57?accountid=44269> [Acedido em 2011 Dezembro 6].

Mongrenier, J.-S., 2011. *A geopolitical approach to the Paris-London-Berlin triad. A new "unbalanced balance"...*. [Em linha] Disponível em:

<http://www.institut-thomas-more.org/en/actualite/une-approche-geopolitique-de-la-triade-paris-londres-berlin-un-nouvel-equilibre-de-desequilibres.html> [Acedido em 19 Dezembro 2011].

National Security Council, 2002. *"The National Security Strategy of the United States of America"*. [Em linha] Disponível em:

www.whitehouse.gov/nsc/nss.html [Acedido em 20 Janeiro 2012].

Neves, M., 2005. *"Os factores de vulnerabilidade do sucesso Chinês"*. [Em linha] Disponível em: <http://www.ieei.pt/publicacoes/artigo.php?artigo=53> [Acedido em 25 Janeiro 2012].

OCDE, 2012. *Página Oficial da OCDE*. [Em linha] Disponível em: www.ocde.org [Acedido em 12 Janeiro 2012].

Office of the Secretary of Defense - USA, 2011. *Annual Report to Congress - Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2011*, Washington: s.n.

Office of the Secretary of Defense, 2011. *Military and Security Developments Involving the People's Republic of China*, s.l.: Office of the Secretary of Defense.

Roberts, P. C., 2008. *The Collapse of American Power*. [Em linha] Disponível em: http://www.barrybrumfield.com/collapse_of_america.htm [Acedido em 02 Novembro 2011].



Sousa, C. X. d., 2010. *Aula de Gestão de Crises, Mestrado em Estratégia*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Yong, M. G. K., 2005. *"Is China Predisposed to Using Force? Confucian-Mencian and Sunzi Paradigms in Chinese Strategic Culture"*. [Em linha]
Disponível em: http://www.mindef.gov.sg/safti/pointer/back/journals/1999/Vol25_4/16.htm
[Acedido em 21 Janeiro 2012].

Yue, J., 2008. *Peaceful Rise of China: Myth or Reality?*. [Em linha]
Disponível em: <http://search.proquest.com/docview/220283982?accountid=44269>

Zheng, B., 2005. "China's "Peaceful Rise" to Great-Power Status". *Foreign Affairs*, Setembro/Outubro, Volume 84, pp. 18-24.

Zhu, Z., 2005. *"Power Transition and U.S.- China Relations: Is War Inevitable?"*. [Em linha]
Disponível em: <http://search.proquest.com/socialsciences/docview/223829102/13361AFB1413A3FBA4E/1?accountid=44269> [Acedido em 20 Novembro 2011].



Anexo A – Linha de Orientação Metodológica

Pergunta de Partida:

A ascensão da China no SI tem vindo a ser confirmada nos três pilares de Poder, no entanto terá a China capacidade, poder e interesse para alterar o atual *status quo* adequando-o aos seus interesses condicionando o xadrez Mundial?

QD1

As reformas económicas implementadas pelo regime da RPC, foram favorecidas pela globalização mundial mas baseadas a nível interno numa economia descentralização tendo em vista a implementação de uma economia de mercado de base regional sustentada pelo investimento estrangeiro?

QD2

A alteração do paradigma militar da RPC visa recuperar o seu atraso tecnológico desta capacidade e habilitá-lo a assumir-se como potência regional e apoiar as suas posições políticas e económicas?

QD3

As opções da política externa da RPC atuais têm como objetivo criar uma situação estável, apostando na manutenção no atual *status quo*, por forma apoiar os seus objetivos militares e económicos?

H1: As reformas económicas da RPC visaram aumentar o seu poder económico a nível mundial, favorecendo a riqueza e o bem-estar aproveitando as condições favoráveis existentes atualmente.

H2: O aumento da capacidade militar da RPC está diretamente relacionado com a perceção de poder, tendo como objetivo apoiar o poder económico e político e dissuadir as ameaças na sua região.

H3. A posição do Poder político da RPC nas variadas organizações internacionais, está diretamente relacionada com os seus interesses internos, em conformidade com o crescente respeito e reconhecimento do SI relativamente ao poder que representa.

Resposta à Pergunta de Partida



Anexo B – Recursos

Segundo Tiago Vasconcelos (2007, p. 37) a RPC tem um vasto e grande território mas os seus problemas ambientais, zonas montanhosas e as zonas desérticas reduzem-lhe o solo arável a 7% do seu território total (terras férteis nas bacias dos grandes rios). Não manifesta no entanto problemas ao nível alimentar, embora tenha 20% da população mundial. É o primeiro produtor mundial de cereais, algodão, oleaginosos, fruta, carne, ovos e vegetais (ONU, 2006).

Element	Global production (tonnes)	Leading Producer	2 nd Producer	3 rd Producer
Aluminum ²	201,000,000	Australia (31%)	China (18%)	Brazil (14%)
Arsenic ³	53,500	China (47%)	Chile (21%)	Morocco (13%)
Cadmium ⁴	18,800	China (23%)	Korea (12%)	Kazakhstan (11%)
Chromium	23,000,000	South Africa (42%)	India (17%)	Kazakhstan (16%)
Cobalt	62,000	Congo (40%)	Australia (10%)	China (10%)
Copper	15,800,000	Chile (34%)	Peru (8%)	USA (8%)
Gallium ⁵	78	China	Germany	Kazakhstan
Germanium ⁶	140	China (71%)	Russia (4%)	USA (3%)
Gold	2,350	China (13%)	Australia (9%)	USA (9%)
Helium ⁷	22,900	USA (63%)	Algeria (19%)	Qatar (12%)
Indium ⁸	600	China (50%)	Korea (14%)	Japan (10%)
Iron ⁹	2,300,000,000	China (39%)	Brazil (17%)	Australia (16%)
Lead	3,900,000	China (43%)	Australia (13%)	USA (10%)
Lithium ¹⁰	18,000	Chile (41%)	Australia (24%)	China (13%)
Manganese	9,600,000	China (25%)	Australia (17%)	South Africa (14%)
Molybdenum	200,000	China (39%)	USA (25%)	Chile (16%)
Nickel	1,430,000	Russia (19%)	Indonesia (13%)	Canada (13%)
Niobium	62,000	Brazil (92%)	Canada (7%)	
Palladium	195	Russia (41%)	South Africa (41%)	USA (6%)
Platinum	178	South Africa (79%)	Russia (11%)	Zimbabwe (3%)
Rare earths ¹¹	124,000	China (97%)	India (2%)	Brazil (1%)
Selenium ¹²	1,500	Japan (50%)	Belgium (13%)	Canada (10%)
Silver	21,400	Peru (18%)	China (14%)	Mexico (12%)
Tellurium ¹³	>200	Chile	USA	Peru
Thallium ¹⁴	10			
Tin	307,000	China (37%)	Indonesia (33%)	Peru (12%)
Uranium	43,800	Canada (21%)	Kazakhstan (19%)	Australia (19%)
Vanadium	54,000	China (37%)	South Africa (35%)	Russia (26%)
Zinc	11,100,000	China (25%)	Peru (13%)	Australia (12%)

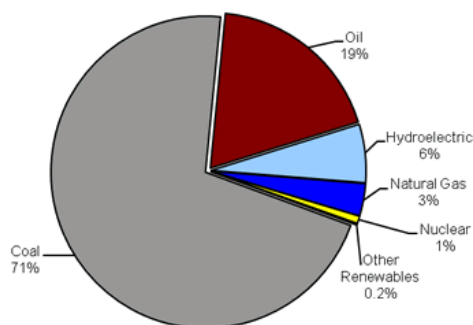
Tabela 3 - Produção mundial de minérios e metais⁵⁵

Tal é sublinhado por Erik Izraelewicz (2005), ao afirmar que a China é o maior mercado mundial do mundo para a quase totalidade de produtos, que lhe permite definir normas e padrões industriais.

A posição chinesa relativamente aos seus recursos materiais é-lhe significativamente favorável mas também tem algumas vulnerabilidades. Detém vastos recursos minerais e metálicos, sendo mesmo o primeiro produtor mundial de arsénico, cádmio, gálio, germânio, ouro, ferro, índio, chumbo, manganésio, molibdênio, zinco e vanádio.

Em termos energéticos a RPC produzia cerca de 90% do seu consumo interno, quando a sua economia era baseada no carvão, do qual é o principal produtor mundial. Porém tem assumido custos ao nível ambiental (Neves, 2005) com elevados índices de poluição, estando em curso uma alteração deste paradigma para Gás natural incrementando por inerência uma maior

Total Energy Consumption in China by Type, 2008



Source: EIA

Fig. 9 - Perfil de consumo de recursos da RPC em 2008⁵⁶

⁵⁵Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_u0b81TDUJ_k/TK4ckjqTL8I/AAAAAAAAAYw0/0AcJ3lkF3nM/s400/s.jpg.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.eia.gov/countries/cab.cfm?fips=CH>.



“dependência” relativamente à Rússia.

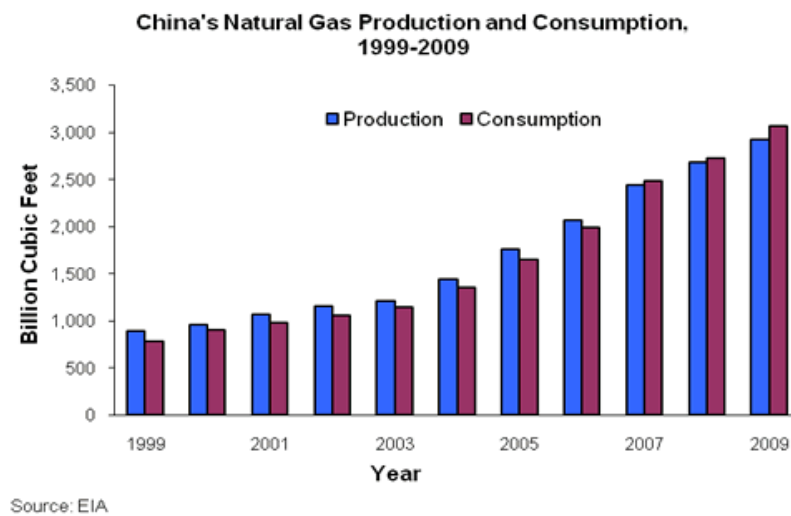


Fig. 10 - Relação entre produção e o consumo de Gás Natural da RPC 1999-2009⁵⁷

Segundo a U.S. *Energy Information Administration* (2010) é o quinto produtor mundial de petróleo, porém fruto de mudanças de estilo de vida passou de exportador a segundo maior importador mundial (cerca de 7% da produção mundial), apenas atrás dos EUA (ver fig.5), incrementando também a sua dependência ao exterior a este nível. É o segundo produtor de eletricidade, para tal muito contribui a sua produção das suas dez centrais nucleares.

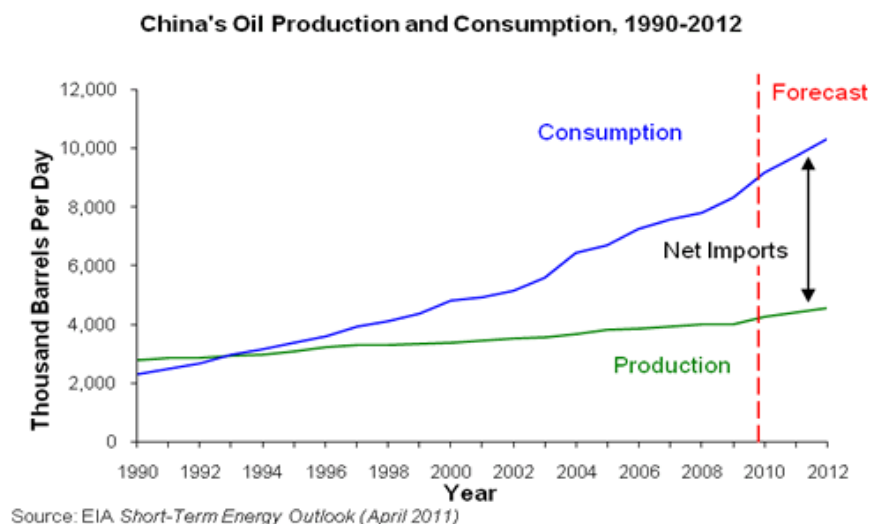


Fig. 11 - Relação entre produção e consumo de petróleo da RPC⁵⁸

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.



Anexo C – Definições e Conceitos

Conflitos:

Termo pelo qual se caracteriza qualquer relação entre grupos ou indivíduos que se possa definir através de uma oposição seja ela qual for (Júdice, 1983). Neste sentido amplo qualquer situação dada possui elementos conflituais. A situação social em que um mínimo de dois atores ou partes se esforça para adquirir, no mesmo momento, um disponível conjunto de recursos escassos (Wallenstein, 2002). Os conflitos são uma parte inevitável da mudança social em todas as sociedades.

Estado:

Na linha de raciocínio de Pascal Boniface (1997), caracteriza-se “no plano internacional pela soma dos seus elementos constitutivos: uma população vivendo num território dirigido por um governo. Na ausência de um dos três elementos, não se pode falar em Estado. A condição essencial da existência do Estado é a soberania. Os elementos constitutivos do Estado são: a soberania, o território, a população e o governo”.

Para António Sousa Lara “Estado é toda a população de nacionais fixa num dado território, onde existe uma autoridade soberana que tem a missão de assegurar a satisfação das necessidades coletivas gerais e abstratas, de justiça, segurança e bem-estar material e espiritual” (2004, p. 377).

Marcello Caetano (1956) define o Estado como sendo “um povo, fixado num território de que é senhor, e que dentro das fronteiras desse território institui, por autoridade própria, órgãos que elaborem as leis necessárias à vida coletiva e imponham a respetiva execução”.

Estado-comunidade é a aceção mais importante do Estado, em que ele nos surge como Estado-Nação, como comunidade nacional independente, como país.

Estado-Poder ou Estado-aparelho consiste no Estado como aparelho, como conjunto de órgãos e instituições, ou como conjunto de indivíduos a quem incumbe governar o país. O Estado como conjunto de órgãos e governantes incumbidos de exercer o poder político no seio de uma comunidade nacional senhora de um território.

Estratégia:

“O significado do termo estratégia necessita de definição contínua, porque o seu conteúdo e alcance são de natureza essencialmente dinâmica. Etimologicamente a palavra



Estratégia provém dos gregos e consistia no conjunto de conhecimentos necessários ao comandante-em-chefe. O domínio da Estratégia alargou-se a uma massa vasta de conhecimentos humanos, que obrigou a um esforço de sistematização capaz de permitir, em antecipação, a visualização intelectual do uso e finalidade dos meios de ação e de garantir a sua convergência eficaz e oportuna. Em todas as estratégias se poderia assinalar um certo número de elementos simples, gerais, comuns, os quais caracterizam o seu conceito lato atual: a existência, real ou potencial, de um obstáculo, desafio, competição, antagonismo ou conflito entre duas ou mais entidades empenhadas na aplicação concebida e concertada de conhecimentos apropriados e meios ou recursos adequados com vista à consecução de determinados fins ou objetivos”.

Como se pode depreender, a de estratégia não é simples. Conforme Luís Fontoura, nas suas aulas de Geopolítica:”...a estratégia é um conceito vazio...”; porém, no âmbito da Teoria Geral da Estratégia, vamos introduzir-lhe conteúdo, e defini-la na ótica do Estado. A profusa literatura é vasta quanto às suas definições. Optámos por três abordagens:

- 1- Segundo Newman e Morgenstern (1944), a estratégia é um plano completo, plano esse que especifica as escolhas que o jogador fará em cada situação possível;
- 2- Yarger (2006) sustenta que a estratégia é “ a arte e a ciência de desenvolver e utilizar os instrumentos de poder político, económico, psicológico e militar, de acordo com as diretivas políticas para criar os efeitos necessários à proteção dos interesses nacionais relativamente a outros Estados, atores ou circunstâncias”;
- 3- Conforme Ribeiro (2007):”...a ciência e a arte de edificar, dispor e empregar meios de coação num dado meio e tempo, para se materializarem os objetivos fixados pela política, superando problemas e explorando eventualidades em ambiente de desacordo”.

A abordagem conceptual deste autor contém na sua essência 3 pilares da estratégia: objetivos fixados pela política; ambientes de desacordo⁵⁹ e a possibilidade de uso da coação. Sem a reunião cumulativa dos três pilares, em nosso entendimento, não é possível formular uma estratégia que tenha em atenção os interesses exclusivos dos Estados. Essa exclusividade constitui a moldura do conceito de competição⁶⁰, nas relações internacionais. Em ambiente de desacordo e de interesses, normalmente, a conduta dos Estados é pautada por 2 tipos de postura quanto ao grau de compatibilidade dos seus objetivos:

⁵⁹ Ribeiro, António Silva; op. cit.

⁶⁰ Neste processo os Estados procuram alcançar, em primeiro lugar, os objetivos que perseguem, secundarizando as relações com os outros Estados.



- 1- Postura conciliável, onde são admitidas trocas ou cedências;
- 2- Postura irreconciliável, que exigem o uso da força.

Torna-se apropriado aplicar o raciocínio estratégico, copulativamente, às duas posturas: o princípio da ação-reação, porque cada ator age, reactivamente, ao estímulo do outro.

Quanto aos processos de interação internacional, podemos classificá-los em 2 grandes grupos:

- 1-conjuntivos: caracterizados por relações de cooperação, acomodação ou assimilação;⁶¹
- 2-disjuntivos: caracterizados por relações de conflito, de oposição e de competição.

Esta separação relacional não é estanque porque as relações amigáveis ou conjuntivas têm sempre polos conflituosos (interesses distintos), como a inversa também é verdadeira⁶².

O conceito de competição regional remete-nos para a ideia de interesses exclusivos por parte de cada ator, numa determinada região. Por imperativos da globalização, os Estados tendem a constituir-se em processos de integração regional. Assim sendo, não é possível delimitar com precisão a exclusividade dos interesses individualizados porque a essência regionalista integradora é inclusiva, provocando uma perda, mesmo que parcelar, de soberania estatal.

A diplomacia é, provavelmente, o melhor veículo para a afirmação da estratégia política dos interesses nacionais, tanto no plano interno como internacional. Para o nosso estudo é-o particularmente importante porque, *ad initio*, excluímos qualquer cenário de confrontação militar entre os dois países.

Globalização:

Na linha de pensamento da Professora Sandra Balão⁶³ (2001) a globalização é vista como “o processo de americanização da ordem mundial”; “associada à transformação ou reconstituição dos poderes do moderno Estado-Nação”. Para Robert Gilpin (1987) “a rápida globalização da economia global conduziu a questão da governança até ao topo da

⁶¹ Idem.

⁶² Ibidem. Durante o período da guerra colonial, as relações sino-portuguesas foram pautadas por esta dualidade: a China apoiava os movimentos independentistas ao mesmo tempo que tinha relações cordiais com Portugal através de Macau.

⁶³ Professora Associada no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, elaborou tese de Doutoramento sobre “Elites num mundo globalizado”.



agenda económica internacional e por isso, o campo de batalha estendeu-se a todo o globo ”Há quem associe a globalização à mundialização. Mundialização é um conceito inventado por Garry Davis (1984) como “ato protagonizado por uma cidade ou autoridade local de se autoproclamar cidadão do mundo”. A mundialização expressa “a solidariedade das populações do globo e defende o respeito pela diversidade de culturas (relativismo cultural); defende uma nova organização política da humanidade. O seu objetivo é a construção da unidade política mundial (criação de uma federação de todos os Estados da terra) ”.

Mas em termos de definições de globalização abrangem sentidos muito amplos, ao nível das Relações Internacionais (Boniface, 1997) vista da seguinte forma: “a globalização constitui uma nova etapa na evolução do capitalismo industrial, sucedendo à internacionalização das firmas e capitais. (...). Já a OCDE (OCDE, 2012), considera que a mundialização desenvolveu-se em várias fases, a última das quais, a globalização.

Já Fernando de Sousa (2005, p. 91) considera que é crucial a emergência de um sistema mundial, ou seja, o olhar para o mundo como uma ordem única mundial.

Mas em suma, quer se fale em globalização, mundialização ou internacionalização, há uma característica que lhe é comum: há uma interdependência cada vez mais significativa nas economias com o domínio do capitalismo, com a redução das distâncias quer no espaço quer no tempo, fruto do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, o aparecimento de novos atores na cena internacional que traduzem uma nova forma de participação cívica dos cidadãos nas questões diárias mundiais.

Globalização ao nível das Relações Internacionais vista como: “a globalização constitui uma nova etapa na evolução do capitalismo industrial, sucedendo à internacionalização das firmas e capitais. (...). Já a OCDE, considera que a mundialização desenvolveu-se em várias fases, a última das quais, a globalização.

Guerra:

Para Clausewitz (1891) é “um ato de violência com que se pretende obrigar o nosso oponente a obedecer à nossa vontade; deve ser considerada como o último instrumento da política; é a continuação da política por outros meios”. Na ótica de Sun Tzu (2009) “a arte da guerra é de vital importância para o Estado sendo regida por cinco fatores constantes, que devem ser considerados quando se procura determinar as conquistas a obter no campo



de batalha. Estes fatores são: A Lei Moral, Tempo, Terreno, o Comandante, Método e Disciplina”.

Maquiavel (1935) defende que “a política era indissociável da guerra; o príncipe para ele treinava para governar, adestrando-se nas artes da guerra e a estratégia militar era também uma estratégia política”. “Um conflito político grave, radical e intenso que contrapõe dois adversários numa disputa decisiva, isto é, uma disputa na qual o derrotado perde, além do poder, as condições de competitividade na qual os concorrentes usam todos os meios possíveis para derrotar e submeter os seus adversários, à exceção do recurso aberto à violência”. “Nem todas as guerras são subversivas. Só são qualificáveis como tal as que objetivamente visem a alteração radical e violenta da sede e da ideologia do poder do inimigo”.

Poder

Pascal Boniface (1997), “O poder de um Estado resulta da combinação e do domínio dos elementos de poder, e da vontade do Estado em os utilizar na cena internacional”.

Segundo Max Weber (1913) poder consiste na “capacidade de obrigar”. É a capacidade de um homem influenciar o pensamento e as ações de outros homens.

Para o Professor Luís Fontoura⁶⁴, o poder é um instrumento na relação externa do Estado. O poder remonta aos primórdios em que o homem se via forçado a recorrer ao poder para sobreviver (poder como instrumento de violência, formação de grupos - socialização). É também designado como “garantia da existência e independência das unidades políticas” (criar, organizar, saber utilizar o poder).

Para Hans Morgenthau (1968), o poder “cobre assim todas as relações sociais”.

Raymond Aron (2002) considera que o poder é a “capacidade de uma unidade política de impor a sua vontade às outras unidades”. Como características do poder destacam-se: a relatividade (o poder deve ser referido no espaço e no tempo a outro ou outros poderes; pode ser modificado o seu valor); ser situacional (altera-se consoante a situação ou contexto em que está a ser instrumentalizado - neste sentido falamos da natureza instrumental do poder); é um fenómeno dinâmico (natureza dinâmica do poder; aceleração/desaceleração no desenvolvimento social, económico, científico, produz

⁶⁴ Professor Jubilado do Instituto de Ciências Sociais e Política (ISCSP). *in* Aula de Geopolítica – Mestrado em Estratégia no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Novembro de 2009.



alterações constantes, positivas no aumento e na qualidade do poder); multidimensionalidade.

O Professor Ray Cline, na sua definição de poder avança de forma inovadora no sentido de diminuir a sua relação abstrata apresentando uma equação matemática com o objetivo claro de a tornar mensurável define Poder da seguinte forma: $Pp = (C+E+M) \times (S+W)$ ⁶⁵. Os termos da equação têm a seguinte tradução: Pp=poder percebido; C=massa crítica=população+território; E=capacidade económica; M=capacidade militar; S=estratégia nacional e W=vontade nacional (Fontoura, 2006, p. 19).

Sousa Lara (2004, pp. 323-340) caracteriza de forma muito prática e acessível “como um conjunto de meios capazes de coagir os outros a um determinado comportamento”. Destaca-se a dinâmica fluidez do fenómeno e ostensiva complexidade do conceito. A sua distribuição, relação e a sua aplicação, como meio de negociação ou de imposição de vontades.

Fala-se também em Poder atual ou apenas poder potencial como o poder que existe na atualidade, que está disponível de imediato, na realidade do Estado.

⁶⁵ Pp=poder percebido; C (massa crítica) = população+território; E (capacidade económica); M (capacidade militar); S (estratégia nacional) e W (vontade nacional).



Anexo D – OMC

A OMC representou na década de 90 o principal objetivo da política oficial chinesa⁶⁶, pois daí poderia manter a opção de criação de condições atrativas para investimento externo, porém foi também encarado do ponto de vista político com diretas implicações das orientações definidas por Deng, uma vez que um cenário de entrada de Taiwan antes da RPC poderia implicar da parte deste um veto ao seu acesso⁶⁷ (Vasconcelos, 2007, p. 45).

A adesão à OMC para a RPC representava principalmente propósitos:

- Reconhecimento internacional do seu crescente poder económico;
- Influências e participar no desenvolvimento de novas regras internacionais sobre o comércio mundial;
- Participar no âmbito da OMC na resolução de conflito envolvendo restrições unilateralmente às exportações chinesas;
- Ao aderir à OMC conseguia exercer uma política de fora para dentro, uma vez que determinadas medidas políticas consideradas liberais seriam vistas como obrigações internacionais, ou seja, conseguia ultrapassar os seus obstáculos internos no sentido de aprofundar as reformas e proteger os seus interesses comerciais;
- A adesão poria fim ao processo anual de renovação do estatuto comercial da China⁶⁸.

Para os EUA, a adesão da China à OMC constituía uma inegável oportunidade de reduzir o equilíbrio existente relativamente à balança comercial com a RPC⁶⁹, aumentar o seu controlo económico, assim como uma janela de oportunidade que a liberalização de algumas orientações políticas poderiam advir em aspetos polémicos como os direitos humanos e claro Taiwan (Vasconcelos, 2007, p. 47).

A UE também teve um papel muito importante nesta adesão, que começa a ganhar forma em 1995, reafirmada em 1998 e 2001 de *constructive engagement* avançando no

⁶⁶ A China entra em simultâneo com Taiwan. Numa altura em que a RPC já se encontrava noutras instituições do sistema *Bretton Woods*: O FMI e BM.

⁶⁷ Daí a entrada em simultâneo na OMC da RPC e de Taiwan.

⁶⁸ A renovação anual do estatuto comercial da China era anualmente enquadrado no debate do Congresso Americano, onde eram incluídos todos os aspetos das relações entre a China e os EUA, no qual também eram vertidos todos os receios e o assumir de ameaças que a RPC poderia significar a nível global e particular aos objetivos dos EUA (Morrison, 2003).

⁶⁹ Facilitava também a redução do controlo do poder central, facilitando a iniciativa privada, reduzindo também a sua influência.



sentido de acolhimento da RPC e não de confrontação, posição essa reafirmada na administração Clinton em 1997 citando “o *engagement* da China é a melhor garantia de uma acomodação pacífica da sua ascensão” (Clinton, 1997 cit. por Story, 2003. p.355).

Todas estas posições culminam com a adesão da RPC na OMC em 2001



Anexo E – Perspetiva Sobre o Recente Registo de Venda de Armas à China

Transcrição integral do estudo do Tenente-Coronel Carriço (Carriço, 2008) sobre as aquisições e ambições militares da RPC, que permite uma boa perspectiva da sua evolução

- (1) uma força terrestre mais pequena, flexível, melhor motivada, altamente treinada e bem equipada, centrada em unidades de reação rápida com capacidades de projeção anfíbia e aerotransportada;
- (2) uma capacidade oceânica modesta (segundo os parâmetros de uma grande potência) centrada numa nova geração de fragatas e *destroyers* albergando sistemas de defesa aérea e de controlo de fogo melhorados, mais e melhores submarinos nucleares e convencionais, uma melhor aviação naval, incremento das capacidades de luta anti-submarina, e possivelmente a construção de um grupo de combate com um porta-aviões;
- (3) uma força aérea mais versátil e moderna, com caças interceptores de maior alcance, aviões de combate mais sofisticados, melhoria da defesa aérea (com aviões de alerta prévio, capacidade de apoio aéreo próximo extensivo e intensivo, e melhoria global das capacidades de projeção de poder e de reabastecimento em voo de aeronaves.
- (4) uma doutrina de condução de operações táticas combinadas apoiadas num sistema C4ISR mais sofisticado;
- (5) um número relativamente grande de mísseis balísticos de combustível sólido e de mísseis de cruzeiro.

No que concerne ao armamento não convencional os programas de modernização enfatizam as seguintes áreas:

- (1) o aumento do alcance e precisão dos mísseis intercontinentais quer lançados a partir de plataformas terrestres quer navais;
- (2) o desenvolvimento de uma nova geração de mísseis de combustível sólido;
- (3) ogivas mais pequenas e múltiplas para fazer face à eventual implementação do sistema de defesa antimíssil em teatro de operações (TMD) ou de defesa nacional (NMD) por parte dos Estados Unidos; e
- (4) a melhoria das capacidades C3I do seu sistema de armas nucleares, através da importação de tecnologia avançada ao nível das comunicações, como fibras óticas e equipamento de micro-ondas.



O objetivo estratégico de Pequim passa por deter as seguintes capacidades até ao ano de 2010:

- (1) a capacidade de conduzir operações de interdição aérea e naval (por oposição às de controlo marítimo) até uma distância de 250 milhas da costa chinesa;
- (2) a capacidade de atacar um conjunto alargado de alvos civis e militares no Este, Sudeste, e Sudoeste da Ásia com recurso a mais de um milhar de mísseis balísticos de curto e médio alcance;
- (3) a capacidade de transportar operacionalmente por via aérea, marítima e terrestre, uma ou duas Divisões (15 mil a 30 mil efetivos) até uma distância de 100 milhas da costa chinesa;
- (4) a capacidade de resistir a um ataque preemptivo contra as suas instalações nucleares e retaliar com um pequeno mas preciso número de mísseis balísticos de alcance intermédio e longo lançados a partir de terra ou do mar; e
- (5) a capacidade de obstar à instalação de um sistema de defesa anti-míssil na Ásia.

Esta linha de ação estratégica ao nível da modernização militar teve um acréscimo substancial na década de noventa. De facto, para além da compra de armamento e equipamento militar de alguma sofisticação tecnológica à Rússia (aviões Su-27 e Su-30, submarinos da classe Kilo, destroyers da classe Sovrenmeny, baterias de defesa anti-míssil S-300 PMU, aviões de transporte IL-76, motores para aviões AL-31 F e RD-33, helicópteros Mi-17, mísseis ar-ar AA-10 e AA-8, para referir os mais importantes), Moscovo forneceu aconselhamento técnico direto a Pequim, através de programas de intercâmbio entre engenheiros e técnicos especialistas nos diversos sistemas comercializados.

Desde o ano de 2000 que a China é atualmente o maior comprador de armamento dos países em desenvolvimento com mais de 9,3 biliões de dólares gastos em novos programas de aquisição (dos quais 2,1 biliões são relativos a material vendido pela Rússia). Em 2003 a União Europeia vendeu à China cerca de 416 milhões de euros em armamento contra os 210 milhões do ano anterior¹⁵. Os próprios Estados Unidos venderam armas à China cujos valores são bastante inferiores aos da UE (entre 1989 e 1998 o valor foi de 350 milhões de dólares).

O Reino Unido na década de noventa vendeu à China uma panóplia de equipamento que vai desde o sistema de navegação por inércia LN-39A (da empresa Litton), para o avião



A-5M, passa pelos motores da Rolls Royce Spey Mk 202 para o avião B-7, pelos sistemas aviônicos e de radar HUDWAC, AD3400, GE404 da GEC-Marconi e da Collins para os aviões J-8II, sistemas de visão noturna da MEL e da Marconi para o carro de combate T-59, instalação de sistemas de armas da RACAL para os barcos de patrulha da classe Hainan e para helicópteros por parte da Vickers.

Em 1998 a Universidade de Brighton assinou uma parceria tecnológica com a Universidade de Tsinghua com o objetivo de desenvolver micro e nano satélites. Em 2000, a China lançou o seu primeiro nano satélite. Esta é uma tecnologia vital ao nível das capacidades de vigilância e reconhecimento. Em 1999 foi assinado um novo acordo de co-produção da Rolls Royce Spey para o fabrico na China da turbina para os aviões de combate JH-7A, os quais estão a ser distribuídos à Marinha e à Força Aérea.

A França e a Alemanha têm vendido respetivamente desenhos e motores a diesel para submarinos e navios de guerra¹⁹. Paris, forneceu sistemas aviônicos da Thomson-CSF para o avião A-5K, autorizou uma licença de produção de cem helicópteros Z-8 e Z-9A (num consórcio da Aerospatiale, Turbomeca, Arriel, Crouzet e Thomson-CSF), sistemas de tiro M811 da Giat para veículos de combate de infantaria, sistemas de armas da Thomson-CSF para as fragatas da classe Jianghu, sistemas lança mísseis Crotale para as fragatas da classe Jiangwei e para os destroyers da classe Luhu.

Berlim aprovou a produção na China de motores V-8 a diesel da Deutz, os quais equipam as viaturas de combate de infantaria (WZ551) do EPL, e a venda de motores a diesel MTU 12V 1163 TB83 para os destroyers da classe Luhu.

Roma também não deixou de vender algum equipamento, nomeadamente sistemas aviônicos da Aeritalia/Alenia para o avião A-5M, e para os helicópteros Z-9A (Turbomeca)²¹. A IVECO italiana procedeu também à venda de cerca algumas centenas de veículos de transporte capazes de serem lançados a partir de meios aéreos. Em Novembro passado o Secretário de Estado da Defesa italiano, Salvatore Cicu, deslocou-se ao festival aéreo internacional de Zhuhai com o intuito de formalizar a assinatura de um contrato de co-produção entre a empresa anglo-italiana Agusta-Westland e um consórcio chinês de um novo helicóptero baseado no Agusta A-109, que está ao serviço da Guarda Costeira norte-americana e que se encontra na lista de candidatos a novo helicóptero de transporte do Exército americano.

Adicionalmente, e por sua vez o consórcio Eurocopter tem vendido tecnologia de helicópteros, estando atualmente a desenvolver um projeto conjunto de construção de um



helicóptero de transporte de seis toneladas, em Lymes na França. A China participa no projeto europeu de GPS, o Galileu com 200 milhões de euros, ainda que existam fortes pressões dos Estados Unidos para limitarem a partilha com Pequim da tecnologia desenvolvida por parte da Agência Espacial Europeia.

Israel também tem vendido armamento e equipamento à China, algum do qual com, ironicamente, tecnologia de base norte-americana, como os veículos aéreos não tripulados vendidos em 1994 e que recentemente voltaram a Telavive para um *upgrade* tecnológico previsto no contrato, tecnologia dos mísseis ar-ar Sidewinder sob a forma do míssil israelita Python III, informações sobre o míssil ar-ar AIM-7 Sparrow e o projeto conjunto com os Estados Unidos de construção do caça Lavi (cancelado em 1987)²³.

Os norte-americanos também não são um bom exemplo, ao contrário do que os sectores mais conservadores pretendem transmitir²⁴. Em 1993, Washington aprovou a venda de um super computador Cray para fins meteorológicos, mas cujas capacidades lhe permitem ser empregue para fins militares, nomeadamente na supervisão e simulação de testes balísticos nucleares. No ano seguinte, a administração de Bill Clinton, aprovou a exportação de satélites comerciais americanos para a China, de onde seriam lançados por foguetões chineses. A colaboração sino-americana permitiu que o EPL melhorasse a sua capacidade de transporte de carga dos seus foguetões, condição *sine qua non* para o desenvolvimento de mísseis de ogivas múltiplas. Neste mesmo ano, a Allied Signal Garrett vendeu 33 turbinas a gás para equiparem o avião de treino chinês, o K-8 que era uma parceria entre a China e o Paquistão²⁵. Quatro radares para fogos de contra-bateria AN/TPQ-37, bem como quatro torpedos MH 46 e apoio técnico à construção de uma fábrica de construção de munições para artilharia foram fornecidos por Washington até 1997. Adicionalmente, tecnologia imprescindível à encriptação das comunicações por satélite foi também vendida pelos norte-americanos. Ainda neste campo, as bastantes mediatizadas conclusões do Relatório Cox, apontaram para graves falhas de segurança nos laboratórios de investigação e desenvolvimento nuclear de Los Alamos, as quais foram responsáveis pela obtenção por parte da China de dados técnicos vitais relativos ao fabrico da ogiva nuclear W-88 (que está presente nos mísseis balísticos dos submarinos nucleares da classe Trident) e da bomba de neutrões W-70. Mais, tecnologia ligada ao aumento da precisão de mísseis, de localização de submarinos, de desenho de mísseis, e de super-computadores foi também obtida. Segundo os autores do Relatório, os processos de obtenção da informação passaram por espionagem, pela manipulação dos requisitos técnicos das licenças de exportação por parte dos Estados Unidos, por compras de tecnologia dual e por trocas de informações em



congressos científicos²⁸. Numa escala comparativa bem mais reduzida, mas não menos ilustrativa, o Humvee que está a ser produzido desde à dois anos em duas fábricas na China já possui uma versão com mísseis terra-ar acoplados, numa adaptação feita pelo Exército Popular de Libertação.

No campo da tecnologia de emprego dual, se atentarmos nos acordos assinados entre 1990 e 1996 pelo governo chinês facilmente concluímos que as empresas que participam em tais parcerias são oriundas tanto da Europa como dos Estados Unidos, o que não abona em favor da retórica argumentativa utilizada por Washington (McDonnell Douglas, Daimler-Benz Aerospace, General Electric, Rolls Royce, Eurocopter, Collins, British Aerospace, Sikorsky, Enstrom Helicopter, Airbus, Boeing, Lockheed, Alenia, etc.)²⁹.

Em resumo pode-se considerar que o embargo tem sido um mecanismo de controlo relativamente poroso, e que por si não tem condicionado significativamente os projectos de modernização militar chinesa ao nível do *hardware* (sistemas de armas) mas sim ao nível do *software* (sistemas C4ISR), área esta em que a Rússia não tem capacidade de fornecimento em termos qualitativos, pelo que a UE prefigura-se como a melhor e a única opção de mercado para Pequim”.